

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

JOUBERT CAETANO AMARAL

A LITERATURA EM FESTA:
eventos literários brasileiros e o caso Flipoços

Belo Horizonte

2017

JOUBERT CAETANO AMARAL

A LITERATURA EM FESTA:

eventos literários brasileiros e o caso Flipoços

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Linha de Pesquisa: Edição, Linguagem e Tecnologia
Orientadora: Prof. Dra. Ana Elisa Ribeiro.

Belo Horizonte

2017

JOUBERT CAETANO AMARAL

A LITERATURA EM FESTA:

Eventos literários brasileiros e o caso Flipoços

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Linha de Pesquisa: Edição, Linguagem e Tecnologia
Orientadora: Prof. Dra. Ana Elisa Ribeiro..

Aprovada em: 04/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Ana Elisa Ribeiro (Orientadora)
Centro Tecnológico de Minas Gerais (CEFET-MG)

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Centro Tecnológico de Minas Gerais (CEFET-MG)

Prof. Dr. José de Souza Muniz Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

SUPLENTE

Profª. Dra. Andrea Soares Santos
Centro Tecnológico de Minas Gerais (CEFET-MG)

Amaral, Joubert Caetano.
A485l A Literatura em festa: eventos literários brasileiros e o caso
Flipoços / Joubert Caetano Amaral. - 2017.
102f. : il.; tabs. ; grafs. ; fotos. –
Orientadora: Ana Elisa Ribeiro.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2017.
Bibliografia.

1. Livros - Indústria - Exposições. 2. Plano Nacional do Livro e de
Leitura (Brasil). 3. Mercado editorial. I. Ribeiro, Ana Elisa. II. Título.

CDD: 070.50981

Para Mariana e Rafael.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Aos meus pais por desde cedo terem me inserido no mundo da literatura.

Ao meu irmão pelo apoio, mesmo na distância.

À Mariana, esposa e amiga, que, em nenhum momento, deixou que eu desanimasse.

À Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro, pela orientação e amizade, mas principalmente por acreditar no potencial deste trabalho.

Aos meus sócios, Juarez e Daniel, por lutarem comigo pela manutenção de nosso evento literário.

Aos colegas do Flipoços, em especial a Gisele Corrêa, pelo tempo disponibilizado para me receber em Poços de Caldas.

Aos colegas de mestrado, pela troca de ideias durante a jornada.

Ao Rafael, filho que nasceu na fase de escrita dessa dissertação, e me manteve acordado durante o período em que mais precisava escrever.

*“O significado das coisas não está nas coisas em si,
mas sim em nossa atitude com relação a elas.” Antoine de Saint-Exupéry*

RESUMO

O segmento dos eventos literários no Brasil cresceu espantosamente nos últimos anos. De acordo com o último levantamento da Fundação Biblioteca Nacional, em 2013, são realizados mais de 270 eventos literários no país, e estima-se que a média de brasileiros que visitam algum tipo desses eventos se aproxima de 10 milhões de pessoas por ano. Os eventos literários passaram a ter tamanha importância no campo editorial que, no ano de 2011, o Ministério da Cultura, através da Fundação Biblioteca Nacional, criou o Circuito Nacional de Feiras de Livro, um Calendário Anual de eventos estruturado a partir de eixos do Plano Nacional do Livro e de Leitura (PNLL). A ideia por trás do Circuito, era a de criar um cadastro dos eventos literários existentes no país e fortalecer os eventos considerados estratégicos para o alcance dos objetivos do PNLL, como a democratização do acesso, a valorização institucional da leitura, o incremento de seu valor simbólico e o desenvolvimento da economia do livro. Sendo assim, a partir do estudo de caso do Flipoços, evento literário brasileiro da cidade de Poços de Caldas, Minas Gerais, este estudo apresenta resultados de como os eventos literários brasileiros podem contribuir para o desenvolvimento dos pilares do PNLL.

Palavras Chave: Livros. Indústria. Exposições. PNLL. Mercado Editorial.

ABSTRACT

The segment of literary events in Brazil has grown amazingly in recent years. According to the latest survey by the National Library Foundation, in 2013, more than 270 literary events are held in the country, and it is estimated that the average number of Brazilians visiting some of these events is close to 10 million people a year. The literary events became so important in the editorial field that, in 2011, the Ministry of Culture, through the National Library Foundation, created the National Circuit of Book Fairs, an Annual Calendar of events structured from the axes of the Plan National Book and Reading (PNLL). The idea behind the Circuit was to create a register of literary events in the country and to strengthen the events considered strategic for the achievement of PNLL objectives, such as the democratization of access, the institutional valorization of reading, the increase of its value symbolic and the development of the book economy. Thus, from the case study of Flipoços, a Brazilian literary event in the city of Poços de Caldas, Minas Gerais, this study presents results of how Brazilian literary events can contribute to the development of the pillars of PNLL.

Keywords: Books. Industry. Exhibitions. PNLL. Editorial Board.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Cadeia de Suprimento do Livro	22
FIGURA 2 – Organizadores da Semana de Arte Moderna	27
FIGURA 3 – Foto da Primeira Feira Popular do Livro	28
FIGURA 4 – Foto da primeira Feira do Livro de Porto Alegre em 1955	30
FIGURA 5 – Campanha publicitária para promoção da Feira Popular do Livro no Viaduto do Chá.....	30
FIGURA 6 – Foto da Primeira Bienal Internacional do Livro	31
FIGURA 7 – Foto de estande na Bienal do Rio de 1983	32
FIGURA 8 – Cartaz da primeira Flip.....	36
FIGURA 9 – Marca do Circuito Nacional de Feiras do Livro.....	38
FIGURA 10 – Evolução dos eventos literários no Brasil	40
FIGURA 11 – Foto da Primavera dos Livros no Rio de Janeiro em 2013	46
FIGURA 12– Foto de um estande na Bienal do Livro de São Paulo	47
FIGURA 13– Foto da edição do Salão da FNLIJ	48
FIGURA 14 – Foto aérea da Feira do Livro de Porto Alegre	49
FIGURA 15 – Foto de uma das atividades da Festa Literária Internacional de Paraty	50
FIGURA 16 – Feira do Livro de Frankfurt	53
FIGURA 17 – Feira do Livro de Londres	54
FIGURA 18 – <i>Book Expo America</i>	54
FIGURA 19 – Primavera dos Livros organizada pela LIBRE	56
FIGURA 20 – Troca de vale-livros durante a FLID – Festa Literária de Divinópolis	57
FIGURA 19 – 1ª Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas	67
FIGURA 20 – Espaço Cultural da Urca	

FIGURA 21 – Palace Casino	69
FIGURA 22 – Sede da Associação Atlética Caldense	69
FIGURA 23 – Mapa - Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas e Flipoços	70
FIGURA 24 – Espaço Sesc Flipocinhos	71
FIGURA 25 – Guia oficial do Flipoços 2016	72
FIGURA 26 – Escritores de Poços de Caldas	74
FIGURA 27 – Contação de histórias no presídio de Poços de Caldas	75
FIGURA 27 – Cartaz do Concurso estudantil – Flipoços	76
QUADRO 1 – Distribuição dos eventos literários por estados brasileiros	43
QUADRO 2 – Os tipos e características dos eventos literários brasileiros	51

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Os tipos de eventos literários ocorridos no Brasil em 2013	41
GRÁFICO 02 – Os eventos literários por região	42
GRÁFICO 03 – Realizadores de Eventos Literários no Rio Grande do Sul	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 O interesse pelo tema e os propósitos desta pesquisa.....	15
1.2 Objetivos.....	16
1.3 O evento literário escolhido para estudo	16
1.4 Organização do trabalho	17
2 OS EVENTOS LITERÁRIOS E OS CAMPOS EDITORIAIS	19
2.1 Campos Editoriais	19
2.2 A cadeia editorial	21
2.3 Campos editoriais e os eventos literários	23
3 A EVOLUÇÃO DOS EVENTOS LITERÁRIOS NO BRASIL	26
3.1 Dificuldades do setor editorial brasileiro no início do século XX	26
3.2 O surgimento das Entidades do Livro e os primeiros Eventos Literários	27
3.3 Regulamentações do setor	34
3.4 A ascensão dos eventos literários.....	37
4 O PERFIL DOS EVENTOS LITERÁRIOS BRASILEIROS.....	41
4.1 Os modelos e características dos eventos literários no Brasil	45
5 EVENTOS LITERÁRIOS E OS AGENTES DO SETOR EDITORIAL.....	52
5.1 Editoras, distribuidoras, livrarias e a circulação dos livros	53
5.2 Autores.....	58
6 METODOLOGIA E O EVENTO ESCOLHIDO PARA ESTUDO	62
6.1 Qual evento estudar?	63
7 O CASO FLIPOÇOS.....	66
7.1 Flipoços	66
7.2 Os pilares do PNLL	78

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	86
APÊNDICE A – Entrevista com Gisele Corrêa – Organizadora do Flipoços	86
ANEXOS.....	100

1 INTRODUÇÃO

A quarta edição do estudo “Retratos da Leitura no Brasil”¹, a mais recente pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, revelou alguns dados otimistas quanto ao número de leitores no Brasil. Atualmente, 56% da população acima de cinco anos é considerada leitora (de acordo com os critérios da pesquisa), um aumento de 5% em relação à pesquisa anterior. Um dado para se comemorar, sem dúvida, porém, ainda há uma grande parte da população que se diz não leitora e a falta de interesse é uma das principais razões citadas na pesquisa para não se ter o hábito de ler.

Podemos entender que quando a falta de interesse é colocada por boa parte da população como uma das principais razões para não se ter o hábito da leitura, além é claro de outros problemas sociais, como os índices de analfabetismo, por exemplo, faz-se necessária a existência de políticas públicas voltadas à formação do leitor no Brasil. De acordo com Rosa (2006), o problema é que a falta de continuidade dessas políticas no país, além do pouco envolvimento da sociedade civil e dos demais atores sociais, contribuiu para que o país chegasse ao século XXI com uma média de leitura equivalente a 1,8 livros por habitante (Retratos da Leitura no Brasil – 4ª Edição).

Rosa (2006) lembra que na tentativa de reverter esse quadro, nos últimos anos, foram criadas outras políticas públicas para o setor, que surgiram na forma de leis mais específicas e programas, como é o caso da Lei do Direito Autoral de 1998, o PNL – Política Nacional do Livro e o PNLL – Programa Nacional do Livro e da Leitura.

Vale ressaltar que o PNLL, criado no ano de 2006 pelos Ministérios da Cultura e Educação, visa formar uma sociedade leitora e, após quatro anos de sua criação, tornou-se política de governo, um passo importante para que o programa se torne uma política de estado, suprimindo, assim, a falta de uma política contínua para o setor.

É claro que o sucesso de um programa como o PNLL não é um querer exclusivo de setores públicos ligados ao desenvolvimento da Cultura e da Educação, mas também daqueles que se preocupam com o desenvolvimento da Cadeia Editorial no país. Importante lembrar que a Lei nº 10753 (2003), conhecida popularmente como Lei do Livro, que instituiu

¹ Instituto Pró-Livro. Acesso em outubro de 2016 <<http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>

a Política Nacional do Livro, no Art. 5º entende que a cadeia editorial é dividida entre Editoração (autor – a pessoa física criadora de livros, editor – a pessoa física ou jurídica que adquire o direito de reprodução de livros, dando a eles o tratamento adequado à leitura), Distribuição (distribuidor – a pessoa jurídica que opera no ramo de compra e venda de livros por atacado) e Comercialização do Livro (livreiro – a pessoa jurídica ou representante comercial autônomo que se dedica à venda de livros). Isso nos leva a crer que com o sucesso do PNLL, os índices de leitura no Brasil se elevariam e, com isso, impulsionaria toda a cadeia editorial brasileira.

Mesmo com certos esforços públicos e também de outras áreas da sociedade, passamos da metade da segunda década do século XXI ainda com altos índices de “não leitores” no país. Assim, um questionamento pertinente é: como mudar esse quadro?

Para Gibrail (2008), o incentivo a eventos literários pode ajudar a mudar este panorama. De acordo com a autora, eles podem provocar nas pessoas a vontade de embarcar na leitura de um livro literário.

O segmento dos eventos literários no Brasil cresceu espantosamente nos últimos anos. De acordo com o último levantamento da Fundação Biblioteca Nacional, são realizados mais de 270 eventos literários no país, e estima-se que a média de brasileiros que visitam algum tipo desses eventos se aproxima a 10 milhões de pessoas por ano.

Para termos ideia da dimensão desse universo, o site do jornal O Globo (2015) realizou uma matéria sobre o aumento dos eventos literários no país, e destacou a proximidade do número alcançado de visitantes da Feira do Livro de Ribeirão Preto (SP), que foi de 450 mil pessoas em 2014, com o número de participantes do “Bloco da Preta”, da cantora Preta Gil, no carnaval de Salvador do mesmo ano.

No ano de 2011, o Ministério da Cultura, através da Fundação Biblioteca Nacional, criou o Circuito Nacional de Feiras de Livro², um Calendário Anual estruturado a partir de eixos do Plano Nacional do Livro e de Leitura (PNLL). A ideia por trás do Circuito, além, claro, de criar um cadastro dos eventos literários existentes no país, é a de fortalecer eventos considerados estratégicos para o alcance dos objetivos do PNLL, como a democratização do acesso, a valorização institucional da leitura, o incremento de seu valor simbólico e o desenvolvimento da economia do livro.

² Portal Brasil. Acesso em janeiro de 2017 < <http://www.brasil.gov.br/cultura/2011/06/circuito-nacional-de-feira-s-de-livro-realizara-75-eventos-este-ano-em-todo-o-pais>>

1.1 O interesse pelo tema e os propósitos desta pesquisa

A atuação profissional no mercado editorial do autor desta pesquisa, como sócio e editor de uma pequena casa editorial, o ajudou a acompanhar a proliferação dos eventos literários no país ao longo dos anos. Porém, foi somente através do envolvimento do pesquisador na organização de um desses eventos que fez despertar o interesse pela realização da pesquisa.

A oportunidade de vivenciar todo o processo de organização de um evento literário (Flid – Festa Literária de Divinópolis), como, por exemplo, a escolha do melhor formato, as formas de financiá-lo, a curadoria, o relacionamento com a comunidade onde o evento está inserido e os resultados – sejam eles financeiros ou socioculturais –, foi fundamental para que surgissem os primeiros questionamentos sobre esse universo.

Dos eventos literários que acontecem no país, existem muitos tipos, tamanhos e formatos, mas quais as principais diferenças entre eles? Quais as modalidades de financiamento mais comuns para sua realização? E qual a importância dos eventos literários para o campo editorial? De que forma as editoras e seus autores são beneficiados? Quais os retornos sociais que um evento literário pode gerar para a cidade onde é realizado? Essas e muitas outras questões aumentavam meu interesse pelo tema e, conseqüentemente, a relevância para se efetuar um estudo mais aprofundado sobre a proliferação desses eventos no país nos últimos anos.

Porém, devemos ressaltar que ainda são poucos os estudos na área. Para termos uma ideia sobre essa falta de referencial teórico, Sapiro (2016) diz que

os festivais têm despertado ultimamente um interesse crescente entre os pesquisadores, porém os que são dedicados exclusivamente à literatura, são muito pouco estudados. (SAPIRO, 2016. p. 121, tradução nossa).³

Sendo assim, aprofundar as discussões e desenvolver uma pesquisa na área consistiu em uma importante oportunidade de reflexão sobre os eventos literários. Ademais, espera-se que o estudo possa contribuir para novas pesquisas relacionadas ao tema.

³ Texto Original: Los festivales han despertado ultimamente un interés creciente entre los investigadores, pero los que están dedicados a la literatura todavía son muy poco estudiados.

1.2 Objetivos

A partir do que foi exposto, definimos que nosso interesse maior será o de realizar uma reflexão sobre o universo dos eventos literários no Brasil e se eles podem contribuir para o desenvolvimento dos pilares do PNLL, o principal programa de fomento a leitura atualmente no país.

Assim, chegamos ao objetivo geral:

- Analisar o evento literário Flipoços, verificando as formas de como ele pode contribuir para o desenvolvimento dos pilares do PNLL.

Com base no objetivo geral, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- Organizar as informações referentes à evolução dos eventos literários no Brasil durante o século XX e início do XXI;
- Propor um quadro que diferencie os principais tipos de eventos literários no país, através de seus objetivos e características;
- Discutir, através do caso Flipoços, se os eventos literários podem contribuir para o desenvolvimento dos pilares do PNLL;
- Contribuir para novas pesquisas dedicadas aos eventos literários.

1.3 O evento literário escolhido para estudo

O evento aqui estudado é realizado anualmente no interior de Minas Gerais: o Flipoços – Festival Literário de Poços de Caldas, e acontece simultaneamente à Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas.

O evento – ou os eventos, se considerarmos que são dois tipos em um (Feira e Festival) – foi escolhido por ter como objetivo principal (de acordo com o que é divulgado por seus organizadores) levar à cidade de Poços de Caldas, editoras, livrarias e entidades afins

ao livro e literatura, com o intuito de oferecer ao visitante do Festival uma série de títulos variados, a preços competitivos. O evento ainda promove o encontro do público com a literatura por meio das mais variadas expressões artísticas.

Outro ponto importante para a escolha do evento é a sua consolidação. O Flipoços completou, em 2017, sua 12ª edição, de maneira ininterrupta, e por isso espera-se analisar ações que o Festival tem com outros agentes do campo editorial (editoras, autores, livrarias, leitores, por exemplo) que participam dele.

É importante ressaltar que, de acordo com a pesquisa “O Livro em Minas Gerais”, publicada pela Câmara Mineira do Livro em 2015⁴, a cidade de Poços de Caldas tem a maior média de livros lidos: 4,34 por trimestre, um resultado acima da média nacional e da média mineira (1,85 e 1,62 respectivamente). Sendo assim, discutiu-se, neste estudo, a possibilidade de haver uma relação (direta ou indireta) do evento com a média de livros lidos na cidade de Poços de Caldas.

1.4 Organização do trabalho

A dissertação está organizada em oito capítulos, sendo o primeiro deles a Introdução, na qual apontamos pontos relevantes que direcionaram a elaboração deste trabalho e os objetivos da pesquisa.

O capítulo 2 aborda o referencial teórico, no qual se estabelece um diálogo do tema com o estudo de John B. Thompson sobre os Campos Editoriais.

No capítulo 3 abordamos a evolução e o crescimento do número de eventos literários no Brasil ao longo dos anos. Já no capítulo 4, apresentamos um panorama dos eventos literários no Brasil, identificando os modelos mais utilizados e diferenciando-os através de suas características.

O capítulo 5 é dedicado ao relacionamento que alguns agentes do campo editorial têm com os eventos literários.

O capítulo 6 é dedicado à opção metodológica escolhida para este estudo, além de apresentar informações sobre o Flipoços e a cidade de Poços de Caldas. No capítulo 7,

⁴ O livro em Minas Gerais – uma pesquisa por regiões sobre o comportamento do leitor: o que se lê, o que se produz. / Organizador Zulmar Wernke. – Belo Horizonte: Câmara Mineira do Livro, 2015 . p. 29,30.

fazemos a análise do Flipoços, em que procuramos identificar as possibilidades que os eventos literários podem trazer para a propagação dos pilares do PNLL.

Por fim, o capítulo 8, o último desta dissertação, contempla uma breve reflexão sobre os dados analisados e as considerações finais do pesquisador sobre do tema.

Vale ainda ressaltar que este estudo tem como base a produção artístico-literária, uma das exigências da Linha IV – Edição, Linguagem e Tecnologia, do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do CEFET/MG.

2 OS EVENTOS LITERÁRIOS E OS CAMPOS EDITORIAIS

O referencial teórico que vamos assumir neste estudo é o conceito de Campos Editoriais de John B. Thompson. Em seu estudo sobre o mercado editorial norte-americano e inglês, definiu que nesses mercados (como também em outros) as ações de cada protagonista são condicionadas pelas ações do outro, pois eles não agem sozinhos: sempre agem dentro de um contexto particular ou de um “campo”, em que as ações de qualquer agente são condicionadas pelas ações de outros – e por sua vez, as condicionam.

Mas o que são os “campos” citados por Thompson?

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). (BOURDIEU, apud BONNEWITZ, 2004)

Thompson, como ele mesmo diz em seu trabalho, adapta livremente a “Teoria de Campo” de Pierre Bourdieu. Em resumo, um campo pode ser entendido como um espaço estruturado de posições, onde agentes estão em concorrência pelos seus troféus específicos, seguindo regras igualmente específicas (Barros, 2003).

2.1 Campos Editoriais

De acordo com Thompson, há quatro razões que explicam como o conceito de campo de Bourdieu nos ajuda a compreender o mundo editorial.

A primeira delas é que o mundo editorial não é único, na verdade, é uma pluralidade de mundos, ou uma “pluralidade de campos”, cada qual com características distintas como, por exemplo, o campo de publicações comerciais, o campo de publicações para o ensino superior, o campo de monografias acadêmicas, etc.

A segunda razão está ligada às relações dos agentes que atuam no campo.

[...] Os agentes e os grupos de agentes são assim definidos por suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está situado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas (isto é, numa região determinada do espaço) e não pode ocupar realmente, mesmo que seja possível fazê-lo em pensamento, duas regiões opostas do espaço [...] Pode-se descrever o espaço social como um espaço multidimensional de posições tal que toda posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes. (BOURDIEU, apud, BONNEWITZ, 2005).

De acordo com Thompson, os agentes que atuam nos Campos Editoriais, nunca existem isoladamente, já que se encontram sempre em complexas relações de poder e interdependência.

A terceira razão tem a ver com o fato de que o poder de qualquer agente dentro do campo depende dos tipos e da quantidade de recursos ou capital que possui. Segundo Bonnewitz (2005), Bourdieu distingue quatro tipos de capital: o econômico, que é constituído pelos diferentes fatores de produção e pelo conjunto de bens econômicos; o cultural, que corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou pela família; o social, que é definido pelo conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou um grupo; o simbólico, que corresponde ao conjunto de rituais, ligados à honra e ao reconhecimento.

Thompson, na busca por compreender o mundo editorial através da Teoria de Campo, definiu em seu trabalho que podem ser não quatro, mas sim, cinco tipos de recursos que são importantes nos “Campos Editoriais”: o econômico, o humano, o social, o intelectual e o capital simbólico.

Neste caso, o capital econômico corresponde aos recursos financeiros acumulados, que no caso de editoras, vão desde os produtos em estoque até a possibilidade de reserva de capital de forma direta (próprios meios) ou indireta (fundos, bancos e outras instituições).

O capital social se refere às redes de contatos que profissionais ou organizações que compõem os campos editoriais construíram ao longo do tempo. Já o capital intelectual, consiste nos direitos de conteúdo intelectual que uma editora controla (contratos com autores, por exemplo).

O capital humano entende-se como uma força de trabalho bem qualificada. Isso pode ser considerado a melhor forma de sucesso para uma editora. De acordo com Thompson, o sucesso de uma editora está na capacidade de atrair e manter excelentes e criativos profissionais.

Por fim, o capital simbólico é o prestígio da editora dentro do espaço social. Esse prestígio pode variar, dependendo da quantidade que cada editora tem, das cinco formas de capital ora apresentadas.

A quarta razão, que Thompson utiliza para explicar o porquê da noção de campo ser útil para compreendermos o mundo editorial, é a “lógica de campo”.

A lógica de campo editorial é um conjunto de fatores que determinam as condições sob as quais agentes individuais e organizações podem participar do campo – ou seja, as condições sob as quais eles podem participar do jogo (e obter sucesso). (THOMPSON, 2013. p. 17)

Entende-se que os agentes que participam do campo editorial têm um conhecimento prático dessa lógica. Ou seja, sabem “jogar o jogo”.

De acordo com Thompson, eles podem até não ser capazes de explicar a lógica do campo, mas podem descrever com detalhes da primeira vez que atuaram nele, como funciona atualmente e como foi ao longo do tempo.

2.2 A cadeia editorial

O foco de Thompson em seu estudo está no campo das publicações comerciais, isto é, o setor da indústria editorial ligado à publicação de livros de ficção e não ficção, tendo como alvo leitores em geral e produtos vendidos principalmente através de livrarias e outros pontos de vendas a varejo.

Além do conceito de Campo, há outro conceito que Thompson destaca para nos ajudar a compreender o campo das publicações comerciais: a cadeia editorial.

A editora é um participante do campo, e a maneira como as editoras se relacionam com outros participantes é moldada por uma cadeia de atividades em que diferentes agentes ou organizações desempenham diferentes papéis, voltados para um objetivo comum - ou seja, produção, venda e distribuição dessa mercadoria especial, o livro. (Thompson, 2013. p. 20)

No Brasil, a cadeia editorial citada por Thompson foi regulamentada na Lei Federal Nº 10.753, conhecida como “Lei do Livro”, que instituiu no país a Política Nacional do Livro – PNL. O Art. 5º da referida lei entende que a cadeia produtiva do livro é dividida entre Editoração (autor – a pessoa física criadora de livros, editor – a pessoa física ou jurídica que adquire o direito de reprodução de livros, dando a eles o tratamento adequado à leitura),

Distribuição (distribuidor – a pessoa jurídica que opera no ramo de compra e venda de livros por atacado) e Comercialização do Livro (livreiro – a pessoa jurídica ou representante comercial autônomo que se dedica à venda de livros).

Para Thompson, a cadeia produtiva do livro – ou cadeia editorial, como ele denomina em seu estudo – pode ser tanto uma cadeia de suprimento quanto uma cadeia de valor.

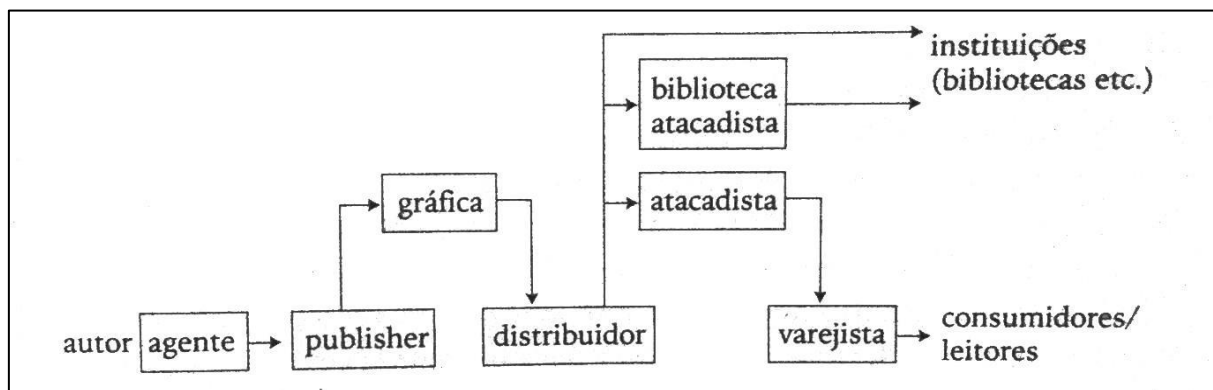
É uma cadeia de suprimento, pois fornece uma série de elos organizacionais por meio dos quais um produto específico – o livro – é gradativamente produzido e transferido via distribuidoras e livrarias para um usuário final que o adquire. (THOMPSON, 2013, p. 20)

A cadeia editorial também é uma cadeia de valor, no sentido de que cada um dos elos agrega de modo significativo, algum “valor” ao processo. Essa noção é mais complicada do que poderia parecer à primeira vista, mas a ideia geral é bastante clara: cada elo tem uma função que contribui com algo substancial para o trabalho, visto como um todo, empreendido na produção do livro e na sua oferta ao usuário final. (THOMPSON, 2013, p. 21)

Como a cadeia de valor de Thompson é voltada ao processo e às funções, que vão desde a contratação do autor, até o livro chegar às mãos do leitor, a cadeia de suprimento tem uma definição mais próxima dos principais agentes do campo editorial.

Thompson oferece uma representação visual simples da cadeia de suprimento do livro.

Figura 1 – Cadeia de Suprimento do Livro



Fonte: THOMPSON, 2013, p.21

Apesar de Thompson representar, na figura acima, a cadeia de suprimentos dos mercados editorial americano e inglês, é possível termos uma ideia dos elos que compõem a cadeia editorial brasileira, desde o autor ao leitor.

2.3 Campos editoriais e os eventos literários

De acordo com Alvarado (2015), os eventos literários fazem parte da gestão sociocultural da área da literatura e da edição.

Dentro do setor cultural encontramos a área da literatura e da edição, onde a atuação e a gestão sociocultural compreendem a realização de feiras de livros, a elaboração e entrega de prêmios literários, a gestão de publicações e a difusão e venda do produto editorial. (ALVARADO, 2015, p. 47, tradução nossa).⁵

Um evento literário constitui um ponto de encontro entre a oferta (prestadores de produtos editoriais) e a demanda (leitores/consumidores) de um município, região ou país (ALVARADO, 2015).

Para Thompson (2013), a noção de campo é parte de uma teoria fundamentalmente relacional, ou seja, os agentes de um campo não podem existir isoladamente. Assim, podemos entender que os eventos literários atuam como agentes dentro do campo editorial e se relacionam com outros agentes que compõem a cadeia editorial descrita por Thompson, como por exemplo, autores, editoras e livrarias.

O relacionamento dos eventos literários com outros agentes do campo editorial pode ter a ordem hierárquica de poder alterada, dependendo da característica do evento. Um autor, por exemplo, hierarquicamente pode ter mais poder em um evento onde há mais características culturais do que em um evento onde a característica predominante seja a venda de livros, já que nessa situação as livrarias e editoras passam a ter maior poder dentro do campo.

O poder de um agente dentro do campo também depende dos tipos ou quantidades de recursos ou capital que dispõe. Como vimos na sessão anterior, Thompson, assim como feito por Bourdieu, divide seu campo editorial em cinco tipos de recursos: capital Econômico, capital Humano, capital Social, capital Intelectual e o capital Simbólico.

Assim, podemos entender que os eventos literários, enquanto agentes do campo editorial, têm no capital econômico a capacidade de conseguir recursos financeiros, como por exemplo, as leis de incentivo à cultura e os patrocinadores conquistados.

⁵ Texto original: Dentro del sector cultural encontramos el área de la literatura y la edición, donde la actuación de la gestión sociocultural comprende la realización de ferias del libro, la planificación y otorgamiento de premios literarios, la gestión de editoriales, y la difusión y venta del producto editorial.

O capital humano está na capacidade dos eventos literários em ter uma equipe de pessoas em sua organização com conhecimento e habilidades acumuladas para o desempenho de suas funções. Um bom exemplo é o curador de um festival literário, que desempenhando bem sua função, conseguirá desenvolver a melhor programação com os recursos financeiros que estiverem disponíveis para tal.

Já o capital social refere-se às relações que o evento literário construiu ao longo do tempo com outros agentes atuantes no campo editorial, como autores, editoras, livrarias, etc. O acúmulo deste capital diferencia-se de um evento estreante (ou que tenha poucas edições realizadas) para um evento já consolidado.

O capital intelectual refere-se ao conteúdo que um evento literário pode proporcionar. Principalmente nos modelos de eventos onde o autor e atrações artísticas são os agentes de poder hierárquico maior dentro do campo.

O capital simbólico está ligado ao prestígio acumulado e o *status* associado ao evento. Participar de evento literário com alto capital simbólico é sempre o objetivo de outros agentes do campo editorial.

Thompson (2013) acredita que essas cinco formas de capital são vitais para se ter sucesso quando relacionadas a uma editora dentro do campo editorial, porém destacam-se os capitais simbólico e econômico como relevantes para determinar a posição competitiva da empresa no campo.

Editoras com estoques substanciais de capital econômico e simbólico tendem a ocupar uma posição marcante no campo, capazes de concorrer efetivamente com outras e vencer desafios das rivais, ao passo que editoras com estoques e capital simbólico muito pequenos ficam em posição mais vulnerável. (THOMPSON, 2013.p, 15).

Esse pensamento também pode ser aplicado aos eventos literários enquanto agentes do campo editorial. Todas as cinco formas são vitais para a continuidade do evento ao longo dos anos, mas como as editoras, os eventos literários também têm no acúmulo de capital econômico e simbólico, a melhor forma de se diferenciar dentro do campo.

O acúmulo de capital econômico para um evento literário significa principalmente não correr riscos para sua plena execução. Além disso, um bom estoque de capital econômico faz com que seja possível remunerar bem e oferecer boa estrutura para receber outros agentes do campo, contribuindo assim diretamente para o desenvolvimento da cadeia editorial. Já o

acúmulo de capital simbólico trata de um bem intangível, mas de suma importância para a distinção do evento em meio a outros dentro do campo.

Assim como as editoras, os eventos literários procuram acumular capital simbólico da mesma forma que procuram acumular capital econômico. Significa muito para o evento literário a maneira como ele é visto por outros agentes do campo. Para Thompson (2013), uma editora que tenha uma boa reputação estabelecida é uma editora na qual agentes literários, livreiros e até mesmo leitores tendem a confiar mais. Assim como as editoras, os eventos literários se beneficiam pela boa reputação, pois a confiança gerada em outros agentes do campo, como por exemplo, autores, agentes literários, editoras e livrarias, possa ser traduzida também em sucesso financeiro, pois contribui diretamente em acúmulo de capital econômico (na busca por patrocinadores, por exemplo). Outro ponto importante é que um evento literário com grande estoque de capital simbólico, pode também gerar capital simbólico. Um autor convidado para participar de um importante evento literário, por exemplo, pode acumular capital simbólico próprio, contribuindo para o desenvolvimento de sua imagem perante aos outros agentes do campo.

Por fim, temos a última razão pela qual a noção de campo foi útil para Thompson compreender o mundo editorial: a lógica de campo. Relembrando o que apresentamos acima, a lógica de um campo editorial é um conjunto de fatores que determinam as condições sob as quais os agentes do campo podem participar do jogo (Thompson, 2013). Com relação aos eventos literários, a lógica de campo mostra que os agentes que atuam no campo editorial têm uma noção prática sobre o relacionamento que devem ter com os eventos literários. Podem não saber explicar de maneira teórica as diferenças entre os tipos de eventos existentes dentro do campo editorial, mas sabem na prática, por exemplo, o porquê de uma editora investir altos valores para participar de uma Bienal, e não investir valores bem mais baixos para participar de uma feira de livros na mesma cidade.

Thompson cita que foi parte de sua função, como um dos analistas do mundo editorial, elaborar sua lógica do campo editorial, formulando-a através dos relatos que coletou durante sua pesquisa, de maneira mais explícita e sistemática.

Assim, nos próximos capítulos, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de uma lógica de campo voltada aos eventos literários, organizando informações sobre a evolução desses eventos no país, seus modelos e características, a capacidade de contribuir para desenvolvimento de outros agentes do campo editorial.

3 A EVOLUÇÃO DOS EVENTOS LITERÁRIOS NO BRASIL

3.1 Dificuldades do setor editorial brasileiro no início do século XX

A evolução dos eventos literários como agentes do setor editorial brasileiro está ligada diretamente com a evolução histórica do próprio setor. Para os que se aventuravam nele no início do século XX, o período foi de muitas negociações com o Estado brasileiro na tentativa de popularizar o livro para todas as classes sociais.

Barbosa (2009) apresentou um trecho da carta que o então editor, Monteiro Lobato – um dos mais influentes agentes do setor editorial brasileiro na primeira metade do século XX –, enviou ao amigo Washington Luís, ex-presidente da Província de São Paulo, recém-eleito Presidente da República, em 1926.

Trata-se duma triste realidade que até hoje não mereceu o menor olhar de simpatia dos nossos homens de governo – o livro.

V. Exa. sabe que o Brasil vive atolado até as orelhas na ignorância, como sabe que só um instrumento existe capaz de contrabater a ignorância – o livro. Mas o livro no Brasil é vítima de uma verdadeira perseguição, dando até a entender que o Estado é contrário à sua expansão e o considera perigoso. Hoje o livro só é acessível às classes ricas, e no andar em que vai, nem a elas, acabando por figurar nas vitrinas das casas de joias, como objeto de luxo. (Barbosa, 2009. p. 223-224)

O entendimento comum na época entre os agentes do setor era que, para conseguir popularizar o livro no Brasil, seria necessária uma redução dos custos de produção. Nesse período, aconteceu em 1922 a Semana de Arte Moderna, um dos primeiros eventos culturais de destaque no Brasil e que inaugurou o movimento modernista brasileiro. O evento foi uma manifestação coletiva pública e era a favor de um espírito novo e moderno, que fosse contrário ao conservadorismo que predominava no Brasil.

A cada dia (vale ressaltar que apesar de se chamar “Semana da Arte Moderna”, o evento durou apenas três dias), um tema como pintura, escultura, poesia, literatura e música, era destacado. Importantes nomes das artes brasileiras estiveram presentes, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Heitor Villa-Lobos e Di Cavalcanti.

Figura 2 – Organizadores da Semana de Arte Moderna



Fonte: Brasil Escola⁶.

3.2 O surgimento das Entidades do Livro e os primeiros Eventos Literários

Durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), com o objetivo de mostrar a imagem de paternal preocupação de Vargas com a Cultura Nacional (Hallewell, 2012). Em primeiro momento, o INL tinha por objetivo criar uma enciclopédia e um dicionário, baseados nos que foram criados na Itália, no governo de Mussolini. Com o passar dos anos, outras tarefas lhe foram incumbidas, como a de promover as medidas necessárias para “aumentar, melhorar e baratear” a edição de livros no país,

⁶ Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/semana-arte-moderna-1922.htm>>. Acesso em 18 de março de 2016.

incentivar a organização e auxiliar a manutenção de Bibliotecas Públicas. Para cumprir estas duas funções, entendidas, quase sempre, como faces da mesma moeda, o INL comprou livros dos editores e distribuiu-os gratuitamente, em especial, às bibliotecas públicas cadastradas na instituição, que já recebiam parte de suas edições (Bragança, 2009).

Nos anos 40, com o objetivo de discutir os problemas do setor editorial brasileiro e buscar formas de atuação conjunta e organizada, surgiram duas importantes instituições do livro no Brasil: o SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros (1940) e a CBL - Câmara Brasileira do Livro (1946).

Em 1948, a CBL organizou o 1º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, com o objetivo de discutir e apontar soluções para problemas graves que afligiam a cadeia editorial na época.

Em 1948, a CBL promoveu o 1º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, reunindo em São Paulo, entre os dias 22 e 26 de novembro, mais de uma centena de delegados e 56 editoras, livrarias, gráficas, agências literárias, sindicatos e outras entidades. Entre as questões discutidas estavam os “direitos autorais, tarifas postais, importação de papel e outras”. No Congresso, tendo Monteiro Lobato como patrono (seu falecimento havia ocorrido poucos meses antes, a 4 de julho), iniciou-se o processo que o levaria a ocupar, na posteridade, o lugar de grande ideólogo da indústria editorial brasileira (Koshiyama, 1982: 191).

Em 1951, a Câmara Brasileira do Livro quis introduzir no Brasil um conceito de evento que já era tradição na Europa, principalmente na Alemanha, Itália e França: a Feira Literária. Sendo assim, a primeira Feira Popular do Livro aconteceu na Praça da República em São Paulo e foi uma referência para que outros eventos acontecessem na época.

Figura 3 – Foto da Primeira Feira Popular do Livro



Fonte: Rede Social (Facebook) da Câmara Brasileira do Livro.⁷

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/camaradolivro>>. Acesso em 13 de abril de 2017.

Já no Rio de Janeiro, o primeiro evento literário registrado aconteceu em maio de 1955, na Cinelândia, na Praça Floriano Peixoto, bem em frente à Câmara Municipal. Criada por iniciativa de um vereador, posteriormente foi realizada em outras praças da cidade.

O jornal *Correio da Manhã*, em sua edição do dia 4, quarta-feira, na página 3, documentou a feira e escreveu um artigo, com destaque na chamada, intitulado “Semana do Livro: Convertida em Livraria a Praça Floriano”, (Till, 2004).

A Praça Floriano Peixoto, no trecho fronteiro à Câmara Municipal, converteu-se numa verdadeira livraria: livreiros e editores ali armaram grande número de barracas para aproveitarem a isenção de taxas e emolumentos concedida pelo prefeito Alim Pedro durante a presente “Semana do Livro”, dentro do programa previsto na resolução elaborada pela Câmara dos Vereadores, de autoria do vereador Edgard de Carvalho e prestigiada pela Secretaria de Educação da Municipalidade. Tal resolução possibilitou a venda de livros a preços reduzidos – geralmente com 20 por cento de abatimento sobre os preços normais. Aproveitando a facilidade, o público leitor compareceu em massa às barracas armadas na Cinelândia, dando aquele logradouro público um aspecto novo, interessante e mais movimentado, onde o leitor pôde comprar toda sorte de publicações – desde a literatura infantil até as obras de fundo ideológico, científico e religioso. (Trecho retirado de *Correio da Manhã*, 4 de maio, página 3, 1º caderno. Encontrado em Till, 2004. p. 46)

A Feira do Livro que aconteceu na Cinelândia impactou diretamente a criação de um dos eventos literários mais importantes do Brasil: a Feira do Livro de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O jornalista Say Marques esteve no Rio de Janeiro na semana em que acontecia a Feira do Livro na Cinelândia. O jornalista gaúcho visitou a Feira e se encantou (Till, 2004). Assim que chegou a Porto Alegre, mobilizou livreiros e editores gaúchos para realizarem um evento como o do Rio de Janeiro na capital gaúcha.

Antes da inauguração da feira gaúcha, acontecia no Rio uma segunda Feira do Livro, organizada dessa vez pelos livreiros que participaram da primeira idealizada pelo vereador Edgard de Carvalho. Como era um evento organizado diretamente pelos livreiros, o chamaram de “1ª Feira do Livro”. Tempos depois, esses mesmos livreiros fundaram a ABL – Associação Brasileira do Livro, que passou a organizar a Feira da Cinelândia e, atualmente, organiza feiras literárias em diversos bairros do Rio de Janeiro.

Em novembro de 1955, Say Marques inaugurou a Feira do Livro de Porto Alegre, marco importante na história dos eventos literários, pois a Feira se tornou ao longo dos anos um dos principais eventos literários do Brasil e consequentemente da América Latina (o único evento literário que até hoje acontece de forma ininterrupta).

Figura 4 – Foto da primeira Feira do Livro de Porto Alegre em 1955



Fonte: Jornal Zero Hora⁸

Em 1956, a Câmara Brasileira do Livro organizou a segunda Feira Popular do Livro, agora no viaduto do Chá, e mais um Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, dessa vez em parceria com o Snel – Sindicato Nacional dos Editores de Livros. De tudo o que foi discutido neste congresso, o destaque fica por conta dos debates por uma regulamentação no setor editorial nacional, principalmente no âmbito dos agentes da cadeia editorial (editores, livreiros, autores e distribuidores), e pelos elogios à organização e ao prestígio que as Feiras de Livros estavam conseguindo (Bragança, 2009).

Figura 5 – Campanha publicitária para promoção da Feira Popular do Livro no Viaduto do Chá



Fonte: Bienal do Livro /SP⁹

⁸ Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/almanaque-gaucha/noticia/2016/10/a-festa-do-livro-8061381.html>>. Acesso em 22 de Janeiro de 2017.

⁹ Disponível em: <<http://www.bienaldolivrosp.com.br/2014/A-Bienal/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

Durante o governo de Juscelino Kubitschek, o INL parece não ter conseguido impor-se como o órgão oficial das políticas públicas para o livro, tanto que, em 1960, em um decreto feito pela presidência da República, instituiu a “Campanha Nacional do Livro” e acrescentou outras funções ao Instituto Nacional do Livro, como organizar congressos, feiras e exposições de livros, no país e no exterior, em colaboração com a Biblioteca Nacional (Bragança, 2009).

Em 1961, a CBL promoveu em parceria com o Museu de Arte de São Paulo, a 1ª Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas, evento que se repetiu nos anos de 1963 e 1965. Enquanto isso, o INL perdia força e atribuições, com a criação do Serviço Nacional de Bibliotecas, órgão ligado diretamente ao Ministro da Educação e Cultura.

Em 1970, a CBL organizou sozinha a 1ª Bienal Internacional do Livro, realizada no mês de agosto. Participaram algumas centenas de editoras e o evento foi realizado no mesmo edifício da Bienal de Artes. A 2ª edição do evento, por sua vez, reuniu mais de 700 expositores e o número de visitantes chegou a 80 mil¹⁰.

Figura 6 – Foto da Primeira Bienal Internacional do Livro



Fonte: Blog Tudo o que eu li¹¹

A década de 70 pode ser considerada como o período de maior atuação do INL, pois coincidiu com a elaboração do PAC (Plano de Ação Cultural) desenvolvido no governo Médici. O Plano financiou inúmeros eventos culturais pelo país e ajudou a modificar a

¹⁰ Dados retirados do website do evento <<http://www.bienaldolivrosp.com.br>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

¹¹ Disponível em: <<http://tudoqueeuli.blogspot.com.br/2016/08/bienal-do-livro-como-surgiu.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

estrutura do INL, quando houve a ampliação de suas atividades incorporando a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED), fato este que aumentou a produção de livros, voltados principalmente às escolas primárias e técnicas.

Outro ponto importante, e que deve ser destacado, é a tentativa por parte de um grupo de editores e livreiros representando a CBL e o SNEL, de regulamentar o setor editorial brasileiro. Foi preparado por eles um anteprojeto da lei que, quando concluído, foi encaminhado ao ministro da Educação, Ney Braga, durante o governo do presidente Geisel, que não deu a devida importância ao documento (Hallewell, 2012).

Até o início dos anos oitenta, somente a Bienal de São Paulo era realizada, até que em 1983, o Rio de Janeiro passou a ter sua própria Bienal. Em comum acordo, as duas Bienais passaram a ser realizadas em anos alternados, assim, todos os anos é possível ter uma Bienal do Livro, seja ela em São Paulo, ou no Rio de Janeiro (Hallewell, 2012).

A primeira Bienal do Rio foi realizada em 1983, no Copacabana Palace e o número de participantes era bem restrito. Todos ficaram acomodados nos espaços do lobby e dos salões do Hotel.

Figura 7 – Foto de estande na Bienal do Rio de 1983



Fonte: Blog da LPM¹²

¹² Disponível em: <<http://www.lpm-blog.com.br/?p=10714>>. Acesso em 9 de abril de 2017.

Após o fim dos governos ditatoriais, algumas políticas voltadas à área cultural foram criadas. A chamada “Lei de Incentivo” teve seu embrião com a Lei nº 7.505¹³, a Lei Sarney, pois foi criada em 1986, pelo então presidente José Sarney. A lei estipulava que:

O contribuinte do imposto de renda poderá abater da renda bruta, ou deduzir com despesa operacional, o valor das doações, patrocínios e investimentos inclusive despesas e contribuições necessárias à sua efetivação, realizada através ou a favor de pessoa jurídica de natureza cultural, com ou sem fins lucrativos. (Brasil, 1986).

Novos eventos literários começaram a surgir pelo Brasil. Destaca-se a 1ª Bial do Livro de Belo Horizonte/MG, a criação da Feira do Livro de Caxias do Sul/RS e da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, que Lindoso (2013) considera como “único”, por conta do seu formato. O evento se distingue até hoje dos demais pelo seu objetivo principal: “a formação de um leitor que prioriza o texto literário, mas que também possa se construir em um intérprete das linguagens veiculadas em diferentes suportes e das características peculiares das várias manifestações culturais” (Equipe das Jornadas Literárias, Álabé, 2015).

No fim da década de 80, o INL passou por seus piores momentos. Por conta das dificuldades econômicas não tinha mais tantos recursos e assim, para sobreviver, passou a fazer parte da Fundação Pró-Leitura. Porém, no primeiro ano da década de 90, o então presidente, Fernando Collor, extinguiu todos os organismos de cultura existentes até então. Isso fez com que houvesse o fechamento da Fundação Pró-Livro e consequentemente o INL (Hallewell, 2013).

Para Bragança (2009), que analisou toda a história do INL, principalmente sobre o aspecto de como a criação de um órgão específico voltado para o desenvolvimento do livro e da leitura no país, a sensação, ao final de sua trajetória, é a de oportunidades perdidas.

A debilidade do INL pode creditar-se à falta de vontade política dos sucessivos governos para o enfrentamento do desafio que significaria retirar do atraso secular o desenvolvimento das práticas de cultura letrada no país. (Bragança, 2009. p. 244)

A sensação de Barbosa em relação à oportunidade perdida com a trajetória do instituto pode ser verificada quando, mais adiante nesta pesquisa, debatermos sobre o papel do IEL – Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. Uma entidade que foi criada no Rio Grande do Sul, com fins muito similares ao do INL, porém com resultados bem diferentes.

¹³ Governo Federal <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7505.htm>. Acesso em 12 de março de 2017.

3.3 Regulamentações do setor

A extinção de todos os organismos de cultura existentes até então no governo federal no início dos anos 90 também afetou a Lei Sarney, fato que fez com que o setor cultural buscasse nos estados e municípios, o início de uma política de investimentos em cultura baseada na Lei criada em 1986.

No âmbito federal, esse quadro se manteve até 1991, quando foi criada a Lei 8.313/91, que restabelecia princípios da Lei Sarney¹⁴.

A Lei 8.313/91, popularmente conhecida como Lei Rouanet, se tornou o principal mecanismo de fomento à Cultura do Brasil, pois instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac). O nome da Lei remete a seu criador, o então secretário Nacional de Cultura, Sérgio Paulo Rouanet. A lei estabelece as normativas de como o Governo Federal deve disponibilizar recursos para a realização de projetos artístico-culturais¹⁵.

Durante a década de 90, os principais eventos literários brasileiros passavam por algumas reestruturações. A CBL (organizadora da Bienal do Livro de São Paulo) lançou o Salão Internacional do Livro, para que São Paulo também tivesse um grande evento literário nos anos em que a Bienal de São Paulo não acontecesse. Essa atitude gerou um conflito com o SNEL, que organiza a Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Vale lembrar que, como dissemos acima, as Bienais do Livro do Rio de Janeiro e de São Paulo, desde a primeira edição realizada no Rio, acontecessem de maneira alternada, sendo os anos pares para a Bienal de São Paulo e os ímpares para a Bienal do Rio.

É possível que, por conta disso, o Salão Internacional do Livro de São Paulo não tenha passado da primeira edição, porém modificou a maneira de participação dos autores, já que criou uma série de “eventos paralelos” de ordem literária e cultural, que não estavam ligados diretamente ao lançamento dos livros no evento. A partir daí, nas edições seguintes da Bienal de São Paulo, a CBL criou o “Salão de Ideias”, com uma programação ampla e

¹⁴ Governo Federal <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/12/20/lei-sarney-foi-pioneira-no-incen-tivo-a-cultura>>. Acesso em 12 de março de 2017.

¹⁵ Lei Federal de Incentivo à Cultura <<http://rouanet.cultura.gov.br/>>. Acesso em 12 de março de 2017.

diversificada. Já a Bienal do Rio criou com isso o “Café Literário”, que tem basicamente os mesmos objetivos.

A década de 90 também viu surgir outra Lei importante para o setor editorial brasileiro. A Lei Nº 9610, de 1998, consolidava a legislação sobre direitos autorais no Brasil. No Art. 1º, a Lei regula os direitos autorais, entendendo-se os direitos de autor e os que lhe são conexos (Brasil, 1998).

Coincidentemente, ou não, os autores passaram a ter mais visibilidade nos eventos literários que ocorreram no final da década de 90.

O ano de 1999, portanto, marcou uma inflexão substancial na qualidade da presença dos autores nas feiras de livros. Deixou-se de enfatizar tão somente o aspecto comercial e promocional do livro e, cada vez mais, as bienais e feiras se tornaram palco de importantes manifestações culturais. E, principalmente, se tornaram palco de encontros dos autores com os leitores. Não se tratava mais de organizar tardes e noites de autógrafa, mas de organizar palestras, mesas redondas, debates e evento do gênero, sempre com espaço para que os leitores dialogassem com os escritores presentes. (Lindoso, 2013, p.2)

Essa mudança de postura, em relação aos autores, pode ter sido influência da popularização dos chamados “Festivais Literários” no final da década de 90, como os festivais ingleses, o *Edinburgh International Book Festival* e o *Hay-on-Wyke Festival of Literature and the Arts*, eventos literários onde o foco principal não era a venda de livros, mas sim os encontros entre autores e leitores.

No início dos anos 2000, foi dado um importante passo para a regularização definitiva do setor editorial nacional, além de instituir uma política do livro no Brasil. O PNL – Política Nacional do Livro, Lei Federal Nº 10.753, instituiu a Política Nacional do Livro e que tem como objetivos:

[...] assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro; fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro; estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros tanto de obras científicas como culturais; promover e incentivar o hábito da leitura; capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu processo econômico, político, social e para promover a justa distribuição do saber e da renda (BRASIL, 2003).

A Lei também regulamentou a cadeia editorial brasileira, um pedido antigo dos agentes que atuam no setor. Para Salazar (2017), no que diz respeito à regulação do setor editorial brasileiro, a Lei do Livro é um importante marco legal.

Essa Lei menciona ineditamente a cadeia criativa do livro, além de contemplar a cadeia produtiva (que reúne editores, livreiros, distribuidores, gráficas e fabricantes de papel) e os mediadores de leitura (que são os escritores e outros profissionais do livro, educadores, bibliotecários e ONGs), e também definir atribuições do poder

público (os governos federal e estadual, as prefeituras e o Sistema S). Com isso, parece promover um deslocamento interessante dos programas de fomento à leitura havidos até então: põe em relevo a criação e a produção dos livros e não apenas as estratégias de distribuição e circulação, como há muito se fazia; os incentivos à leitura aparecem, então, diretamente ligados a como as publicações são criadas, planejadas, feitas e distribuídas. (SALGADO, 2017. p.15).

No mesmo ano da Lei do Livro, surge a Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, com um formato diferente dos eventos literários apresentados até então no país. O evento não se caracterizava como uma feira, onde o comércio do livro era o principal foco. Baseado em eventos literários de outros países, principalmente o inglês *Hay-on-Why Festival of Literature and the Arts*, a Flip dava ênfase ao autor e o seu contato com uma plateia de leitores, além de uma rica atividade cultural.

Figura 8 – Cartaz da primeira Flip



Fonte: Paraty Turismo e Ecologia¹⁶

¹⁶ Disponível em: <<http://www.paraty.com.br/blog/historia-da-flip-festa-literaria-internacional-de-paraty>>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

Em 2006, após alguns anos de discussões e avanços nas políticas relacionadas ao livro no Brasil – como a lei de desoneração fiscal, que isenta editores, livreiros e distribuidores a pagarem qualquer tipo de taxa ou imposto sobre operações com livro, gozando, pois, de imunidade tributária (Rosa, 2009) –, os ministérios da Cultura e o da Educação anunciaram a criação do PNLL – Programa Nacional do Livro e da Leitura.

Portaria Interministerial Nº 1.442, de agosto de 2006, que formam diretrizes para uma política pública no Brasil voltado à leitura e ao livro. O programa tem por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável (BRASIL, 2006).

Ressalte-se que o PNLL se orienta por quatro pilares que organizam todo o plano: Democratização do acesso; Fomento à leitura e à formação de mediadores; Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; Desenvolvimento da economia do livro. Após quatro anos de sua criação, tornou-se política de governo, um passo importante para que o programa se torne uma política de Estado e para acabar assim com a falta de uma política contínua para o setor.

3.4 A ascensão dos eventos literários

A primeira década dos anos 2000 foi palco do nascimento de muitos eventos literários no Brasil. São inúmeros os eventos que surgiram, principalmente após a primeira Flip – Festa Literária Internacional de Paraty. É provável que a visibilidade midiática conquistada pela festa de Paraty, por conta de ter alavancando os processos tradicionais de difusão do livro e nas movimentações em prol da leitura, além de ter agregado massa crítica, tenha de alguma maneira, influenciado empreendedores culturais por todo o país (Jornal Cândido, Biblioteca Pública do Paraná, 2014).

Não é coincidência que Fliro (RO), Flivima (RJ), Flibo (PE), Flimar (AL), FliAraxá (MG), Fliporto (PE), Fliparanapiacaba (SP), Flicampos (PR), Flap (AP) e até mesmo a Flimt (Feira do Livro Indígena de Mato Grosso), utilizam o prefixo “Fli”.

Dentre os novos eventos literários, alguns permaneceram e outros terminaram suas atividades ainda na primeira edição. Esse crescimento do número de eventos literários no país pode ter sido por conta de uma melhor gestão das políticas públicas referentes ao livro, vistos os programas e políticas criadas desde o início da década, como também da

consolidação das Leis de Incentivo à Cultura no Brasil, tanto em âmbito federal, como também estaduais e municipais.

Em 2011, foi anunciado pela então ministra da Cultura Ana de Hollanda, o lançamento do Circuito Nacional de Feiras de Livro¹⁷. O projeto é uma parceria entre a Câmara Brasileira do Livro (CBL), Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), que visava montar um calendário único dos eventos organizados país afora e ajudar no planejamento e na execução de cada um deles.

Figura 9 – Marca do Circuito Nacional de Feiras do Livro



Fonte: Governo Federal¹⁸.

O Ministério da Cultura entendia que os eventos literários poderiam contribuir efetivamente para desenvolver os pilares do PNLL. Sendo assim, para estimular a expansão dos eventos no país, o Ministério da Cultura preparou um pacote de apoio com o objetivo de beneficiar tanto novos eventos como aqueles que já existiam. Para isso, o projeto previa a

¹⁷ Publishnews <<http://www.publishnews.com.br/materias/2011/06/16/63847-feiras-de-livro-devem-se-espalhar-pelo-brasil>> Acesso em 22 de janeiro de 2017.

¹⁸ Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/cir-cuito-nacional-de-feiras-de-livro-455071/10883>. Acesso em 20 de julho de 2016

renúncia fiscal de cerca de R\$ 35 milhões para empresas dispostas a patrocinar eventos literários, abatendo até 100% dos investimentos em patrocínio a eventos literários pela Lei Rouanet¹⁹.

Outro ponto importante foi a abertura de editais para financiamento direto dos eventos literários pela Fundação Biblioteca Nacional. Também era previsto o apoio para Estados e Cidades, com recursos do Fundo Nacional de Cultura, para investirem na realização de novos eventos literários em localidades onde eles ainda não existam.

Em sua primeira versão, o Calendário Nacional de Eventos Literários contabilizou 75 eventos realizados no Brasil em 2011. No último levantamento realizado pelo circuito, foi registrado um total de 278 eventos literários, no ano de 2013.

O cadastro desses eventos foi realizado através de um formulário disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional. O organizador do evento foi convidado a preencher o cadastro e em pouco tempo, seu evento era relacionado em uma área específica para o Circuito Nacional de Feiras de Livros, dentro do *site* da Fundação Biblioteca Nacional.

Os editais de fomento aos eventos literários continuaram por mais um tempo, tendo sua última edição divulgada no ano de 2015.

Justamente em 2015, um dos eventos literários mais tradicionais do país, a Jornada Literária de Passo Fundo, anunciou sua suspensão por falta de recursos para realizar o evento²⁰. Em uma matéria para o *website* Publishnews, alguns organizadores de eventos literários importantes no país relataram dificuldades orçamentárias para a realização dos eventos. Mesmo os grandes eventos, como a Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, tiveram que reduzir seus orçamentos para o ano de 2016.

Como a própria matéria destacou, o desafio para eventos literários no país nos próximos anos parece ser o de se manterem “vivos”, mesmo com as reduções orçamentárias oriundas da crise financeira e política que assola o país.

Sendo assim, para um melhor entendimento, criamos um infográfico com os principais acontecimentos do setor editorial brasileiro, relacionados aos eventos literários.

¹⁹ Governo Federal <http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/circuito-nacional-de-feiras-de-livro-455071/10883>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

²⁰ PublishNews <<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/12/21/2016-e-o-desafio-de-manter-eventos-literarios-de-pe>>. Acesso em 12 de março de 2017.

Figura 10 – Evolução dos eventos literários no Brasil



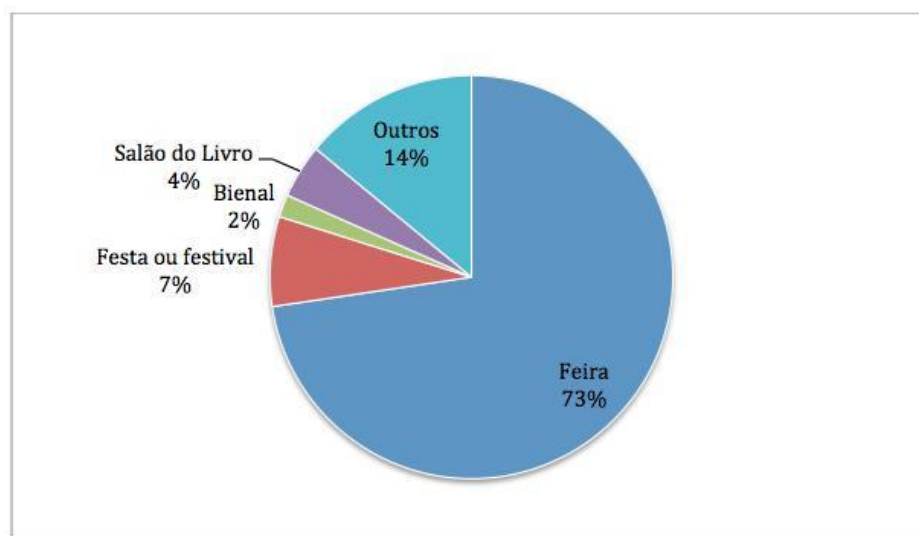
Fonte: Infográfico elaborado pelo autor.

4 O PERFIL DOS EVENTOS LITERÁRIOS BRASILEIROS

Como foi apresentado no capítulo anterior, através do Circuito Nacional de Feiras de Livros, a Fundação Biblioteca Nacional desenvolveu um calendário de eventos literários organizados pelo país. Apesar do Circuito Nacional de Feiras de Livros ter funcionado até o ano de 2015, o último calendário de eventos literários divulgado foi relativo ao ano de 2013²¹ e mesmo que seus dados não estejam atualizados, eles nos serão úteis para entendermos mais sobre o universo dos eventos literários como agentes do setor editorial nacional.

No calendário de 2013, foram cadastrados 278 eventos literários que ocorreram em diversos estados brasileiros. Os tipos de eventos literários que estão cadastrados neste calendário são:

Gráfico 01 – Os tipos de eventos literários ocorridos no Brasil em 2013



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor

Do total de eventos cadastrados, podemos perceber que as “Feiras de Livros” equivalem a 73% (202). Na sequência temos eventos tipo “Festa” ou “Festival” com 7% (20), “Salão do Livro” com 4% (12), “Bienal” com 2% (5). O item “Outros” que consta neste

²¹ Infelizmente a última atualização do calendário anual de eventos foi em 2013 e o último edital de fomento lançado foi em 2015. O antigo site do programa não está mais acessível (<http://www.bn.br/circuitodefeiras>) e as únicas informações restantes estão em uma página da Fundação Biblioteca Nacional no Facebook. O pesquisador entrou em contato com a Fundação Biblioteca Nacional e foi informado que não mais era responsável pelo Circuito Nacional de Feiras de Livros e que enviou todos os dados para o Ministério da Cultura em Brasília. Mesmo assim, o pesquisador conseguiu uma cópia do Calendário Nacional de Feiras e Eventos Literários de 2013 e o anexou ao final deste trabalho.

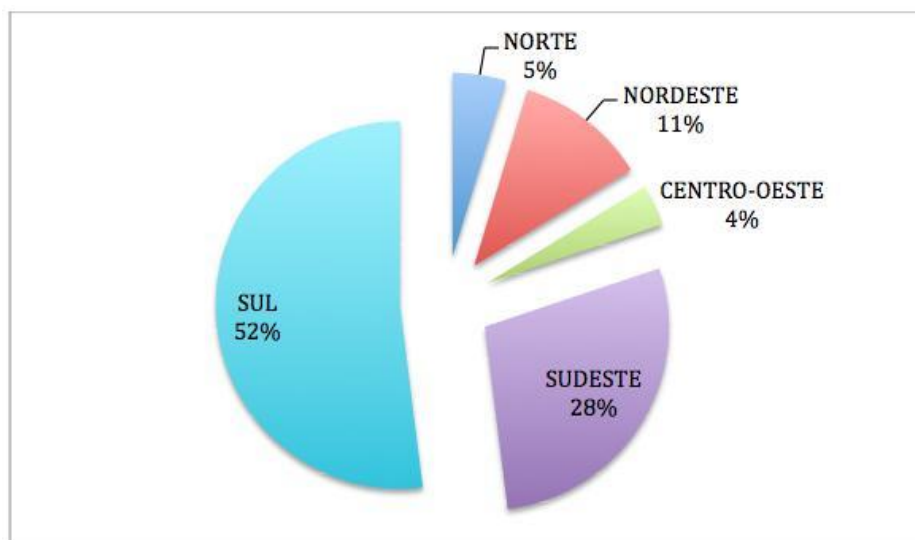
gráfico é de eventos que não se pode distinguir seu tipo, já que utilizam nomenclaturas diversas. Esses eventos correspondem a 14% (39).

Vale ressaltar que o gráfico acima foi elaborado através da nomenclatura citada pelo organizador do evento quando o cadastrou no *site* do Circuito Nacional de Feiras de Livros. Na lista de eventos do Calendário, não há qualquer menção ao tipo de evento, ou seja, não é possível, através dele, traçar diferenças entre os eventos cadastrados. A não ser, claro, através de sua nomenclatura, o que faz o levantamento não ser preciso em dizer que, por exemplo, os 39 eventos literários que corresponderam ao item “outros” no gráfico acima, são Feiras de Livros ou Festivais Literários²².

Porém, com os dados que estão disponíveis no Calendário, foi possível obter outras informações importantes para entendermos a importância dos eventos literários, enquanto agentes do setor editorial brasileiro.

A distribuição dos eventos literários pelo país pode ser vista abaixo:

Gráfico 02 – Os eventos literários por região



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Como podemos perceber no gráfico acima, é na região Sul do país que se concentra a maioria dos eventos literários, 52% (144). Na sequência, temos o Sudeste com 28% (78), Nordeste com 11% (32), Norte com 5% (13) e Centro-Oeste com 4% (10).

²² No “Calendário Nacional de Feiras e Eventos Literários”, realizado no ano de 2013 pela Fundação Biblioteca Nacional, os dados disponíveis são: mês e período de realização, o nome do evento literário, o local onde será realizado, o município, estado e quem o organiza.

É notável a maior quantidade de eventos literários na região Sul do Brasil em comparação com as outras regiões. Porém, quando analisamos a quantidade de eventos por estados, a distribuição que se tem é a seguinte:

Quadro 1 – Distribuição dos eventos literários por estados brasileiros

Estado	N. de Eventos Literários	Estado	N. de Eventos Literários	Estado	N. de Eventos Literários
RS	132	GO	4	PI	2
SP	34	AP	4	CE	2
RJ	26	AL	4	MT	1
MG	16	PR	3	RO	1
SC	10	MS	3	SE	1
PA	8	PB	3	AM	0
BA	7	DF	2	RR	0
PE	6	ES	2	TO	0
RN	5	MA	2	AC	0

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

De todos os eventos que ocorrem na região Sul do país, 132 deles acontecem no estado do Rio Grande do Sul. Um número sem dúvida surpreendente, principalmente se entendermos que somente o estado do Rio Grande do Sul tem praticamente o mesmo número de eventos do resto do país.

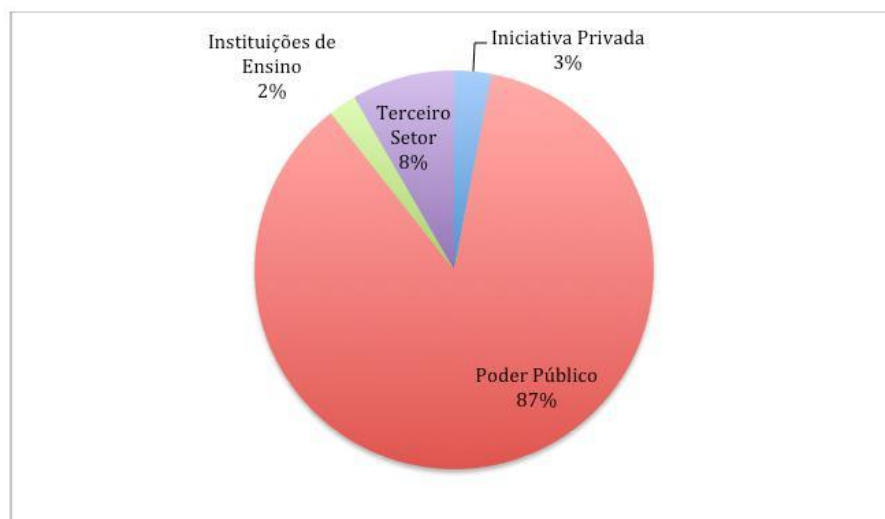
No entendimento de Lindoso (2013), o número de eventos literários no Rio Grande do Sul deve-se a uma situação institucional muito específica no estado: o Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul²³. O IEL foi fundado em 1954 no âmbito da Secretaria de Estado da Educação e hoje está vinculado à Secretaria de Estado da Cultura. Trabalha integrando as ações de ambas as pastas com outros órgãos estaduais.

Desde sua criação, o objetivo principal do IEL é o de difundir a literatura produzida no Rio Grande do Sul, apoiando escritores e na preservação da memória literária e cultural do Estado. Para atingir seus objetivos, o IEL tem funções que vão desde a edição de livros de autores gaúchos, promoção de encontros de escritores com a comunidade, organização de seminários, até a cooperação com entidades públicas para a realização de

²³ IEL – Instituto Estadual do Livro/RS <<http://ielrs.blogspot.com.br>>. Acesso em 22 de março de 2017.

eventos literários. Pensando nesta cooperação prestada pelo IEL, vamos avaliar quem são os principais realizadores de eventos literários no Rio Grande do Sul.

Gráfico 03 – Realizadores de Eventos Literários no Rio Grande do Sul



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Podemos perceber uma porcentagem expressiva de eventos literários realizados pelo poder público no Rio Grande do Sul. É provável que Lindoso (2013) esteja certo em seu entendimento, visto que o IEL, como dito acima, têm funções que contribuem para que Prefeituras, através de suas secretarias, consigam realizar eventos literários para sua população.

Para Lindoso (2013), o que ocorre no Rio Grande do Sul deixa evidente a importância em dar continuidade no planejamento e execução das políticas públicas do livro e Leitura. Este pensamento alia-se ao de Rosa (2006), o qual acredita que a falta de continuidade das políticas públicas e o pouco envolvimento da sociedade civil e demais atores sociais contribuíram para que o país chegasse ao século XXI com uma média de leitura por ano equivalente a 1,8 livro por habitante, segundo dados da Câmara Brasileira do Livro.

É válido ressaltar que, em âmbito nacional, como no Rio Grande do Sul, o poder público participa da realização de 70% dos eventos literários listados no Calendário Nacional de Feiras e Eventos Literários.

4.1 Os modelos e características dos eventos literários no Brasil

Não há uma definição oficial que diferencie os tipos de eventos existentes no Brasil. Entre os 278 eventos literários registrados no Circuito Nacional de Feiras de Livros em 2013, há diferentes nomenclaturas como Bienal, Feiras, Salões, Festivais, entre outros. Porém, qual a diferença entre estes eventos? O que diferencia um Salão do Livro de uma Feira Literária, por exemplo?

Hallewell (2012), em sua pesquisa sobre o livro no Brasil, descreve as Bienais como eventos de que “participam principalmente as editoras”, enquanto as Feiras de Livros são organizadas normalmente em praças públicas e são muito “utilizadas principalmente pelos livreiros para vender seus estoques com grandes descontos”. O autor também cita o evento “Primavera dos Livros”, chamando-o de mini bienal, por dar espaço a editoras de médio e pequeno porte.

Nas Bienais e nas Primaveras participam principalmente as editoras. Mais antigas e muitas delas instaladas ao ar livre, em praça pública, as feiras do livro são promovidas, em sua maioria, pelas associações estaduais de editoras, mas são utilizadas principalmente pelos livreiros para vender seu estoque com grandes descontos e para atrair o grande público, além de frequentadores tradicionais de livrarias. (Hallewell, 2012, p. 216)

A comparação que Hallewell faz entre a Primavera dos Livros e as Bienais deve-se à principal característica de ambos os eventos: são organizados por entidades que representam editoras. No caso das Bienais do Rio de Janeiro e a de São Paulo, por exemplo, os eventos são organizados pelo SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros e CBL – Câmara Brasileira do Livro, respectivamente. Já a Primavera dos Livros é um evento organizado pela LIBRE – Liga Brasileira de Editoras, entidade sem fins lucrativos, criada como uma espécie de cooperativa de editoras de pequeno e médio porte, com o objetivo de fortalecerem seus negócios. Apesar de ser chamada de mini bienal por Hallewell, a Primavera dos Livros mantém o modelo de Feira de Livros, já que acontece na maioria das ocasiões, em locais públicos, como por exemplo, praças, parques e museus, com descontos nos livros consideráveis para os visitantes. Um detalhe importante sobre o evento é que dele participam como expositores apenas editoras associadas à LIBRE.

Figura 11 – Foto da Primavera dos Livros no Rio de Janeiro em 2013



Fonte: Fotos Publicas²⁴

As Bienais do Livro, por outro lado, caracterizam-se pelo tamanho. Normalmente realizadas em grandes centros de exposições, como acontece em São Paulo e Rio de Janeiro, têm seus espaços comprados por editoras (que não necessariamente precisam ser filiadas às entidades que organizam os eventos), livrarias, distribuidoras e até por empresas não ligadas diretamente ao mercado editorial, mas que agregam valor para o visitante do evento.

A valiosa exposição do livro que é a Bienal continua a realizar-se, desde 1981, anualmente, já que acontece em São Paulo e Rio, em anos alternados. A de São Paulo, depois de treze exposições no Pavilhão do Ibirapuera, mudou, em 1996, para a sede do Expo Center Norte, na Vila Guilherme, com onze mil metros quadrados de área para abrigar seus oitocentos estandes (contra os setenta estandes nos 3250 m² da primeira em 1970). A Bienal do Rio ocupa 6500 m² no Rio Centro, lugar atraente, mas lamentavelmente distante do centro da cidade e de difícil acesso através dos transportes públicos. (Hallewell, 2012. p.826)

Para termos uma ideia da dimensão de uma Bienal do Livro, um dos fundadores e editores da editora L&PM, uma das mais famosas casas editoriais brasileiras, Ivan Pinheiro Machado, em entrevista para o Jornal Candido²⁵, de dezembro de 2014, compara as Bienais do Livro aos Salões do Automóvel que acontecem ao redor do mundo. São nestes salões que as fábricas de carros apresentam seus novos produtos para o mercado. As Bienais fazem este papel no setor editorial, onde grandes grupos editoriais e famosas redes de livrarias

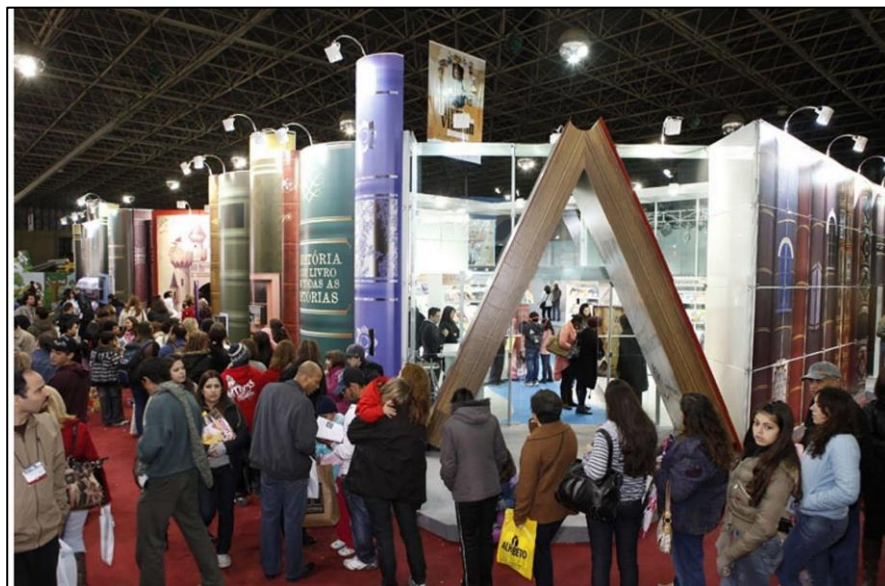
²⁴ Disponível em: < <http://fotospublicas.com/primavera-livros-ate-domingo-museu-republica-rio-janeiro>>. Acesso em 28 de janeiro de 2017.

²⁵ O Jornal Candido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná. A edição em questão que será referenciada neste estudo, é a de n. 41 de dezembro de 2014. Nesta edição, o jornal tratou em uma de suas reportagens, sobre os Eventos Literários.

apresentam inúmeras novidades em livros e participações de autores consagrados. Ivan termina sua comparação dizendo que o preço para se montar um estande em um espaço de 100 metros quadrados de uma Bienal do Livro no Brasil se aproxima realmente dos valores de um Salão do Automóvel.

Vale ressaltar que existem outras Bienais do Livro e que não acontecem no Rio de Janeiro e nem em São Paulo. Outros estados brasileiros também fazem suas próprias “Bienais do Livro”. Uma curiosidade é que algumas dessas Bienais são realizadas por uma única empresa²⁶ especializada na realização de eventos dos mais diversos segmentos. Porém, a organização ou o apoio ficam a cargo de entidades ligadas ao livro, como por exemplo, a CML – Câmara Mineira do Livro, que organiza a Bienal do Livro de Minas Gerais.

Figura 12– Foto de um estande na Bienal do Livro de São Paulo



Fonte: Bienal do Livro de São Paulo²⁷.

A nomenclatura “Salão do Livro” também foi destacada na listagem do Circuito Nacional de Feiras de Livros. Estes eventos são parecidos com uma Bienal, porém menor em tamanho e com investimentos mais modestos por parte dos seus expositores. Para o editor e fundador da L&PM, Ivan Pinheiro Machado, o melhor modelo para um evento literário é o Salão do Livro. Citando o exemplo do Salão do Livro de Paris, Machado diz que as editoras que participam do evento têm limites para investir nos estandes. Isso faz com que toda a maioria da produção francesa esteja presente, já que o evento expõe desde a micro-editora até as principais editoras francesas.

²⁶ FAGGA/ GL <www.glevents.brasil.net>. Acesso em Fevereiro de 2017.

²⁷ Disponível em: <www.bienaldolivrosp.com.br>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

No Brasil, “Salão do Livro” dá nome a alguns eventos espalhados pelo país e foram registrados no Circuito Nacional de Feiras de Livros. Entre eles, o tradicional Salão FNLIJ para Crianças e Jovens, realizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Figura 13– Foto de uma edição do Salão da FNLIJ (sem data definida)



Fonte: FNLIJ²⁸

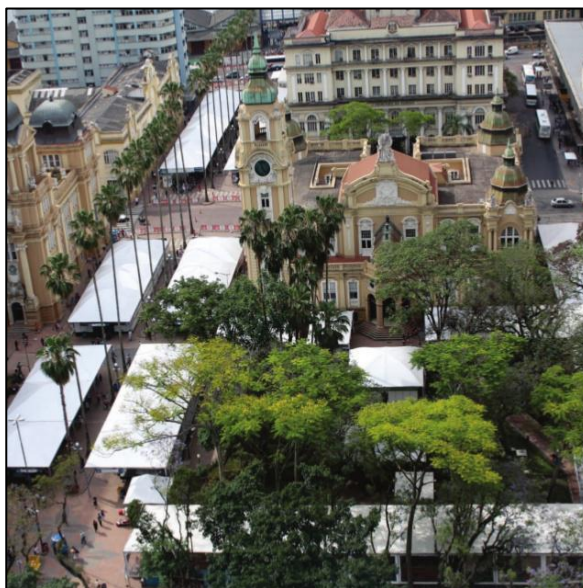
As Feiras Literárias, como apresentado na sessão anterior, parecem ser os tipos mais populares entre os realizadores de eventos literários. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a maioria dos eventos literários são feiras municipais, fora as que são organizadas por escolas, clubes sociais e de serviço (Zanchetta, 2010).

Uma Feira é plenamente justificável, sobretudo no caso de municípios que não dispõem de livraria ou de biblioteca pública ou em que, mesmo havendo biblioteca, essa funcione em condições precárias. Ocorre que, por falta de uma política municipal para o livro e a leitura, não são raros os municípios cujas bibliotecas municipais não estão informatizadas, carecem de espaços planejados para acolher os leitores e operam com pessoal improvisado e acervo limitado e obsoleto, sem contar com dotação orçamentária para sua renovação e qualificação. (Zanchetta, 2010. p.11)

A Feira do Livro de Porto Alegre é o mais antigo evento do gênero realizado no Brasil, de forma ininterrupta e uma referência quando o assunto é uma Feira de Livros. Organizada pela CRL – Câmara Rio-Grandense do Livro, a Feira recebeu importantes honrarias ao longo de sua trajetória, como a medalha da Ordem do Mérito Cultural, concedida pela Presidência da República, que a reconheceu como um dos mais importantes eventos culturais do Brasil.

²⁸ Disponível em: <<http://www.salaofnlj.com.br/salaofnlj/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2016.

Figura 14 – Foto aérea da Feira do Livro de Porto Alegre



Fonte: Feira do Livro de Porto Alegre²⁹

Sobre os festivais ou festas literárias, o termo é oriundo dos festivais de teatro e dança (SAPIRO, 2016) e, apesar da literatura ser uma prática cultural solitária e a forma de “festival” ser mais associada às artes da *performance*, a junção foi muito bem recebida, principalmente por já existirem reuniões destinadas à leitura de livros em voz alta, seguida pelo debate. O termo se popularizou no início dos anos 1980 e tornou-se comum para nomear encontros públicos em que especialistas, autores, críticos, editores, tradutores discutiam obras literárias.

Apesar de o termo ter se popularizado na década de 80, os primeiros festivais literários da Europa começaram a surgir a partir de 1949 (SAPIRO, 2016) e eram normalmente dedicados a gêneros literários pouco consagrados na época, como os quadrinhos e o policial. Porém, os festivais lhes permitia uma legitimação, além de encarnar uma faceta festiva em comparação com a “sacralização” do que era considerada “Alta Literatura”.

Porém, foi através de dois festivais ingleses, o *Edinburgh International Book Festival* e o *Hay-on-Why Festival of Literature and the Arts*, que o formato do festival literário se popularizou definitivamente. Estes festivais conciliam necessidade e estratégias para ampliar seu público, tendo também uma orientação sociocultural definida, como o incentivo ao multiculturalismo e o internacionalismo (GIORGI, 2011. apud SAPIRO, 2016).

Diferentemente de outros tipos de eventos literários, como as feiras, as bienais e os salões, os festivais se distinguem por conta de sua programação. Fernandes (2014), ao questionar o que caracteriza um festival literário, conclui que um festival, por se encontrar na dimensão da festa, pode ter a característica que quiser. Tanto que a *OIFEC – Osservatorio Italiano Festival ed Eventi Culturali*, em sua pesquisa anual sobre o número de festivais que

²⁹ Disponível em: <www.feiradolivro-poa.com.br> Acesso em 12 de outubro de 2016.

acontecem na Itália (incluindo festivais de dança, teatro, cinema, etc.), denomina os festivais literários como “Festivais de Cultura”.

Pelo fato de não haver uma formatação rígida, os festivais adotam atividades comuns à academia (palestras, mesas redondas, conferências, debates), à comunicação (entrevistas, circulação de jornais e fanzines), à performance (instalações, recitais, espetáculos musicais, arte de improviso), ao mercado artístico e de produtos diversos (pelos estandes de editoras e livrarias, pela comercialização de livros, alimentos e produtos de vários gêneros), ao turismo (pelo envolvimento da população local com o evento que divulga sua identidade, pela ocupação do espaço público e do patrimônio cultural local. (Fernandes, 2014. Nonada: Letras em Revista. N. 23. p.21)

No Brasil, a Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, no Rio de Janeiro, é o exemplo que mais se aproxima dos festivais citados acima. Não por menos, sua concepção surgiu baseada no *Hay-on-Why Festival of Literature and the Arts*.

A Flip começou numa viagem à cidadezinha de Hay-on-Wye, no País de Gales, em 1997. Liz Calder³⁰ havia morado por décadas no Brasil e nessa nova fase editava livros de autores brasileiros pela Bloomsbury. Ao chegar ao Hay Festival, ela estava acompanhada de um grupo de amigos influentes nas letras brasileiras, entre eles o editor Luiz Schwarcz (Companhia das Letras) e o arquiteto Mauro Munhoz (hoje da Associação Casa Azul). Foi daquela viagem que partiu a decisão em organizar um festival semelhante no Brasil. (Jornal Cândido, Biblioteca Pública do Paraná, p.28, 2014).

Figura 15 – Foto de uma das atividades da Festa Literária Internacional de Paraty



Fonte: Flip³¹

No intuito de contribuir para futuras pesquisas sobre o tema e até mesmo para aqueles que pretendem empreender na organização de um evento literário, propomos abaixo, um pequeno esquema com os principais objetivos, tipos e as características dos eventos literários.

³⁰ Liz Calder é uma editora inglesa que foi responsável por lançar importantes obras. Entre seus grandes trabalhos está “Harry Potter”. Ela também é uma das fundadoras da Flip.

³¹ Disponível em: <www.flip.org.br>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

Quadro 2 – Os tipos e características dos eventos literários brasileiros

Objetivo	Tipo	Característica	Referências
Promover o livro como produto	Bienal do Livro	São organizadas normalmente, por entidades que representam as editoras. Essas entidades podem ter abrangência nacional, ou estadual. São realizadas em grandes centros de exposições, onde editoras e grandes redes de livrarias adquirem espaços de diferentes tamanhos para a criação de seus stands. Acontecem a cada dois anos. Os expositores podem promover suas atividades, como lançamento de livros e bate-papos com autores, dentro de seus espaços.	Bienal de São Paulo Bienal do Rio
	Salão do Livro	Como as Bienais, os salões são eventos que destacam as editoras, mas com a característica dos expositores terem espaços parecidos no evento. São ideais para cidades de médio porte. Podem acontecer anualmente. Os expositores podem promover suas atividades, como lançamento de livros e bate-papos com autores, dentro de seus espaços.	Salão do Livro FNLJ Salão do Livro de Ipatinga
	Feira do Livro	Podem ter os mais diversos tamanhos e serem realizadas por Prefeituras, escolas ou até mesmo associações de bairro. Participam editoras e livrarias. Tem caráter regionalizado e é comum em cidades onde não há a presença de livrarias ou bibliotecas. Podem ser realizadas em qualquer local. As Feiras mais famosas do Brasil, normalmente, são realizadas em espaços públicos e abertos. Preços promocionais. Podem acontecer a qualquer época: semanal, mensal ou anual.	Feira do Livro de Porto Alegre Primavera dos Livros
Promover a Literatura	Festa ou Festival	Tem ênfase exclusiva ou quase exclusiva nas atividades culturais, com a presença de autores em diálogo com os leitores. Evento mais intimista. A curadoria é uma função importante neste tipo de evento. Podem ser realizados em espaços abertos ou espaços culturais que destaquem o patrimônio local. Não é obrigatória a venda de livros. Porém, estes eventos podem ter uma livraria realizando a venda de livros diversos, sem que o foco seja livros promocionais. A livraria do festival é o local onde o visitante encontrará os livros dos autores convidados para o evento.	Flip FlipPorto FlipAraxá Flipócos
	Encontro com Autores	Tem o propósito de promover o diálogo entre autores e leitores. Evento curto e público limitado. Podem acontecer a qualquer época: semanal, mensal ou anual.	Sempre um Papo

Fonte: Quadro desenvolvido pelo pesquisador.

5 EVENTOS LITERÁRIOS E OS AGENTES DO SETOR EDITORIAL

Um dos pilares do PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura é o desenvolvimento da Economia do Livro. Entende-se como Economia o estudo social da produção, distribuição e consumo de bens de serviço³². Assim, podemos entender que quando o PNLL cita o desenvolvimento da Economia do Livro está se buscando o desenvolvimento de todos os elos da Cadeia Editorial.

Neste quesito, um evento literário pode tornar-se um aliado importante dos agentes do setor editorial na realização de novos negócios e da circulação de livros, ideias e pessoas.

As feiras de livros, especialmente as de nível internacional, são lugares privilegiados para observar, em termos empíricos, os fenômenos que se referem à globalização editorial e a circulação de pessoas, bens, ideias e de capital [...] são, por tanto, espaços onde as relações e estratégias entre os vários actores no livro são jogados, e que destaca as hierarquias que estruturam os mercados internacionais de bens simbólicos. (Muniz Jr., 2017. p. 26, tradução nossa.)³³

Para Muniz Jr.(2017) a presença de uma editora em uma feira de livros, mesmo que seja de forma simplificada, muitas vezes produz efeitos duradouros para a mesma, vista a exposição de seus produtos de forma concentrada. Nas feiras, como em outros tipos de eventos literários, as relações entre os agentes que atuam no setor editorial também se evidenciam, já que apesar dos avanços técnicos e a possibilidade de realizar inúmeras tarefas do dia a dia editorial pela internet, as relações “cara a cara” ainda são necessárias.

São nesses encontros que os agentes discutem sobre o que está acontecendo e o que vai acontecer no setor como um todo. Em um evento literário ocorrem trocas de informações sobre o que se vende ou não no mercado e as tendências editoriais para o próximo ano. É possível ainda observar novos formatos de impressão para um livro, conhecer autores e editores, além, claro, de ter-se a possibilidade de acompanhar o seu concorrente de perto.

³² Significado de Economia <<https://www.significados.com.br/economia/>>. Acesso em 18 de março de 2017

³³ Texto original: Las ferias de libros, sobre todo las de escala internacional, son lugares privilegiados para observar, en términos empíricos, los fenómenos que se refieren a la globalización editorial y a las circulaciones de personas, productos, ideas y capitales [...] Son, por lo tanto, espacios donde se juegan relaciones y estrategias entre los distintos agentes del mundo del libro, y donde se ponen de relieve las jerarquías que estructuran los mercados internacionales de bienes simbólicos.

5.1 Editoras, distribuidoras, livrarias e a circulação dos livros

No setor editorial mundial, há eventos onde diversos agentes, como editoras, autores, ilustradores, agentes literários, por exemplo, buscam a cada edição, realizar novos negócios e apresentar suas novidades ao mercado.

Thompson (2013), ao explicar sobre o papel dos agentes literários no campo editorial inglês e americano, cita dois eventos importantes para o desenvolvimento do setor editorial: as feiras de Frankfurt e a de Londres.

As principais feiras de livros, como a de Frankfurt e a de Londres, desempenham papel importante na venda de direitos – essas são, basicamente, feiras de negócios –, e cada agente e agência terá sua estratégia em Frankfurt e sua estratégia em Londres, mas a venda de direitos é um processo contínuo, que se estende para além do planejamento de feiras específicas. (Thompson, 2013. p. 20)

Esses eventos funcionam como um grande balcão de negócios para o setor editorial mundial, principalmente a Feira do Livro de Frankfurt, que é considerada o maior e mais importante evento do mercado editorial em nível mundial (Muniz & Szpilbarg, 2014).

A história da cidade de Frankfurt com os livros vêm desde os tempos de Gutenberg, quando a cidade chegou a receber o título simbólico de Capital Europeia dos Livros. No século 18, por questões políticas, dividiu as atenções com sua homóloga Leipzig. Após uma interrupção nos eventos por conta da Segunda Guerra Mundial, Frankfurt voltou a receber a Feira do Livro em 1949, aos poucos foi reconquistando o respeito e hoje é um dos pontos altos do mercado editorial mundial, onde acontecem muitos dos grandes êxitos comerciais do setor livreiro mundo afora (Muniz & Szpilbarg, 2014). Atualmente, dos cinco dias de funcionamento da feira, três deles são dedicados exclusivamente para os negócios do setor e os outros dois dias para o contato com o público.

Figura 16 – Feira do Livro de Frankfurt



Fonte: Livro e Pessoas³⁴

³⁴ Disponível em: < <http://www.livrosepessoas.com/2012/09/13/brasil-tera-nove-escritores-na-feira-do-livro-de-frankfurt/>>. Acesso em 02 de junho de 2017.

Outros eventos literários com espaço para a realização de negócios entre os agentes do setor editorial, também se destacam no calendário anual de eventos literários internacionais. Entre eles podemos citar a Feira do Livro de Londres, que é muito popular entre os editores europeus e que tem se tornado, como a Feira de Frankfurt, uma grande oportunidade para a realização de negócios. Já a *Book Expo América* tem uma característica diferente dos dois eventos europeus citados anteriormente. É um evento exclusivo para negócios, sem que haja dias abertos ao público em geral. Nele, as casas editoriais americanas, apresentam aos livreiros do país, suas novidades para o mercado americano no período do inverno.

Figura 17 – Feira do Livro de Londres



Fonte: *Publishing and Perspective*.³⁵

Figura 18 – *Book Expo America*



Fonte: *Book Expo Cast*.³⁶

³⁵ Disponível em: <<http://publishingperspectives.com/2016/04/jacks-thomas-a-few-words-with-london-book-fairs-director>>. Acesso em 02 de junho de 2017.

³⁶ Disponível em: <<http://bookexpocast.com/>>. Acesso em 02 de junho de 2017.

Vale ainda ressaltar os eventos literários que visam aos negócios de nicho, como o *Bologna Children's Book Fair*, evento especializado em obras infantis, e o *Beijing International Book Fair*, que faz um relacionamento entre as editoras ocidentais com a produção editorial chinesa.

No Brasil, como vimos no capítulo anterior, os eventos literários, cujo objetivo é a promoção do livro como produto (Bienais, Salões e Feiras), têm participação efetiva de editoras, distribuidoras e de livrarias, que apresentam seus produtos diretamente para o consumidor final.

Eventos como a Bienal do Livro (seja a de São Paulo ou do Rio de Janeiro), ou as Feiras Literárias espalhadas pelo Brasil, tornam-se uma oportunidade para que as editoras, por exemplo, vendam diretamente para seu leitor, sem ter a necessidade de atravessadores.

Em uma matéria do Portal Negócios da Comunicação, no ano de 2002, o diretor da Editora Melhoramentos, Breno Lerner, relata que a Bienal não deve ser encarada somente como uma ação lucrativa isolada, já que é uma forma que têm os leitores de conhecer as obras publicadas pelas editoras. Ele lembra que, entre esses leitores, existem profissionais ligados à educação, que Lerner considera verdadeiros multiplicadores.

O extinto Circuito Paulista do Livro (uma parceria realizada entre várias entidades, prefeituras e o governo do estado de São Paulo), por exemplo, foi um projeto curto, mas que pode ser um exemplo interessante de como os eventos literários podem gerar bons negócios para as editoras. O Circuito Paulista do Livro tinha o objetivo de divulgar a leitura no interior do estado de São Paulo, além de melhorar o acervo de bibliotecas escolares. Foram quatro edições realizadas entre os anos de 1999 a 2002 e somente no último ano, foi investido, pelo Governo do Estado, cerca de 2 milhões de reais para seis eventos literários, nas cidades de Ribeirão Preto, Bauru, São José dos Campos, Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Sorocaba – que, por exemplo, teve mais de 128 mil pessoas visitando o evento e foram responsáveis pela compra de mais de R\$ 1,3 milhão de reais em livros.

É claro que algumas casas editoriais investem mais do que outras e, muitas vezes, podem ter até prejuízo. Em outra matéria do Portal Negócios da Comunicação, sobre como as Bienais são um bom meio para expandir mercado, o fundador da Editora Letras & Letras, José Linardi, diz que o custo para uma editora de pequeno porte participar de uma bienal (levando-se em conta o aluguel de espaço, pessoal, taxas e promoções) é muito alto e nem todas têm condições de almejar lucro ao final do evento.

No ano de 2001, um grupo de editores começou a questionar os custos para que uma pequena casa editorial participe de uma Bienal, seja ela a de São Paulo ou a do Rio de Janeiro, e quais as dificuldades que o cenário apontava para o setor editorial brasileiro naquele início de século.

Foi durante a Bienal Internacional do Rio de Janeiro, em 2001, que jovens editores cariocas e paulistas olharam bem para o megaevento, mediram seu tamanho e, diante da grandiosidade e eloquência dos grandes grupos editoriais, se perguntaram qual seria o lugar das editoras independentes em um país que dava seus primeiros passos rumo à concentração e internacionalização do capital e às fusões de grupos editoriais. Em um primeiro momento, o espanto. Sabiam esses editores que, além de editar livros de qualidade, princípio básico de todo editor, teriam de conquistar espaço junto aos canais de distribuição para que o público leitor e a obra editada se encontrassem. Tinham consciência de que, individualmente, não conseguiriam se impor num mercado pautado pelos best-sellers. (Wart, em PNLL: Textos e Histórias, 2010).

Os editores então decidiram se juntar e criar um evento exclusivo para que as pequenas casas editoriais pudessem apresentar suas obras diretamente aos leitores.

Passado o espanto, a ação. Nesse mesmo ano, nascia a Primavera dos Livros, a primeira vitrine para a exposição da produção das editoras independentes brasileiras, evento cultural e comercial que inaugurava um novo relacionamento entre editor e leitor, principal aliado dos editores independentes. (Wart, em PNLL: Textos e Histórias, 2010).

O sucesso da Primavera dos Livros fez com que as pequenas editoras se associassem e em 2002, deram origem à Liga Brasileira de Editoras (LIBRE), entidade sem fins lucrativos, criada como uma espécie de cooperativa de editoras de pequeno e médio porte, com o objetivo de fortalecerem seus negócios.

Figura 19 – Primavera dos Livros organizada pela LIBRE



Fonte: Biblioteca de São Paulo³⁷

³⁷ Disponível em: <<http://bsp.org.br/2012/11/27/primavera-dos-livros-2012-2/>>. Acesso em 04 de junho de 2017.

Outro ponto importante para se abordar na relação dos eventos literários com o setor editorial, são os chamados “Vale-Livros”, uma forma encontrada por Governos Estaduais e Municipais para incentivar Editoras e Livrarias a participarem de eventos literários e ao mesmo tempo, “distribuir” livros a população.

O tubo de ensaio dos vale-livros foi o “Checklivro”, que começou na Bienal do livro de São Paulo, com um valor correspondente a aproximadamente 10% do valor das compras dentro do evento, podia ser resgatado, depois da Bienal, nas livrarias parceiras. Esse sistema evoluiu para a distribuição de vales – com os mais diferentes nomes, critérios para distribuição e fontes de financiamento – para que os frequentadores adquiram livros dentro das feiras e bienais (Lindoso, 2013).

Para termos uma ideia dos valores expressivos dos Vale-Livros para o setor editorial, o Observatório do Livro e da Leitura, instituição apoiada pela OEI – Organização dos Estados Iberoamericanos, fez um levantamento do valor dos cheques ou vales distribuídos em feiras de livros nos anos de 2010 e 2011, contabilizando respectivamente as cifras de R\$ 12.729.614,00 e R\$ 26.138.412,00, em 37 municípios brasileiros.

Figura 20 – Troca de vale-livros durante a FLID – Festa Literária de Divinópolis



Fonte: G1.³⁸

³⁸ Disponível em: < <http://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2015/08/alunos-de-escola-publica-participam-da-flid-em-divinopolis.html>>. Acesso em 06 de junho de 2017.

Apesar de ser um excelente incentivo tanto para todo o setor editorial, como também para ajudar a atingir metas referentes ao fomento da leitura, este pesquisador tem uma percepção menos romântica com relação ao programa de distribuição de vale-livros.

Um dos pontos questionáveis é a sensação de “dependência” gerada em relação aos eventos e o poder público, já que muitos eventos dependem da liberação dos vales para que chamar a atenção de boas editoras e livrarias. Outro ponto questionável é a fragilidade das finanças públicas, principalmente relacionadas às verbas para incentivo à Educação e Cultura. Um exemplo foi o que ocorreu com o programa de vale-livros do Governo de Minas Gerais em 2016 em decorrência da crise. Apenas dois eventos (um de maneira completa e outro parcial) foram beneficiados com os vale-livros naquele ano em Minas Gerais. Alegando dificuldades financeiras, a Secretaria de Educação cancelou a continuidade do programa no ano e prejudicou o funcionamento de vários eventos no Estado. Um deles foi a Bienal do Livro de Minas Gerais, que recebeu apenas parcialmente a quantidade que estava destinada de Vale Livros para o evento.

5.2 Autores

Um dos elos mais importantes da cadeia editorial, e um dos que mais encontrou benefícios com os eventos literários, tem sido o autor.

Na mesa “Por que os festivais literários?”, que aconteceu na primeira edição do Festival Literário Internacional de Belo Horizonte, o FLI-BH, os participantes em questão eram o poeta Chacal, o escritor Marcílio França e Paulo Werneck, ex-curador da Flip – Festa Literária de Paraty, que debateram sobre diversos assuntos ligados aos festivais literários espalhados pelo Brasil.

Durante o debate entre os três convidados, um dos assuntos de destaque foi o ressurgimento do interesse pela figura do autor. Para Marcílio França, não é apenas o crescimento de eventos literários pelo Brasil que tem feito com que o público se interesse pela figura do autor, mas também pelo momento que vivemos.

“As duas coisas correm juntas. [...] E esse interesse pelo autor, pela figura do autor, é um interesse por sua vida, por sua biografia, por suas manias, pelos gostos, sua imagem, e o interesse pela presença do autor. Estamos vivendo em uma época, onde o autor retorna depois de estar um pouco escondido. Mataram o autor, mais ou menos na década de 70, e o livro passou a ser o centro de interesse, ou o próprio texto, e agora o autor retorna.” (Fala conferida por Marcílio França, na FLI-BH, em 27 de junho de 2015, gravada pelo autor da pesquisa).

Em “A morte do Autor”, Barthes alegou, citando Mallarmé, que o autor sempre deve estar em segundo plano em relação à sua obra, o que para o poeta Chacal, seria hoje uma situação de extrema dificuldade, visto que o autor não tem mais a venda de seus livros como sua principal fonte de renda na literatura.

“Essa coisa dos festivais, hoje, [sic] pro artista, pro escritor, pro poeta, se tornou quase que a fonte principal de renda dele. Por que isso? Porque a fonte de renda dele, que deveria ser da venda do livro, da leitura do livro... não se dá. Então, o escritor para conseguir viver da sua arte, do seu fazer literário, praticamente tem que participar desses festivais todos. O que não é nenhum problema, pelo contrário, porque normalmente você conhece muitas pessoas, muitos lugares, que é uma coisa bastante agradável, embora sobre pouco tempo pra você mergulhar mais profundamente no fazer literário.” (Fala conferida por Chacal, na FLI-BH, em 27 de junho de 2015, gravada pelo autor da pesquisa).

A fala de Chacal aliada a de Marcílio França, nos apresenta um novo panorama na relação do autor com sua obra. Como exemplo, é possível destacar uma passagem do escritor Ignácio de Loyola Brandão, em seu livro “O Mel de Ocara”, na qual alega que “*o escritor brasileiro contemporâneo é completamente diferente daqueles que nos antecederam por gerações. Este autor tornou-se um viajante*”.

Para Chacal, mesmo que seu foco não seja a venda, os eventos literários podem ajudá-lo a ter destaque pela função de autor, e não apenas pela obra. Isso dará a possibilidade de ter contato com o leitor, de uma maneira diferente na qual está acostumado. Para Paulo Werneck, ex-curador da Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, um evento literário pode, na verdade, criar situações interessantes para a relação entre autor e leitor.

“Há muitas situações (em festivais literários) que humanizam os autores e os tornam acessíveis ao público. Muitos autores, conhecidos por serem mais reservados, se abrem no festival.” (Fala conferida por Paulo Werneck, na FLI-BH, em 27 de junho de 2015, gravada pelo autor do artigo).

Ignácio de Loyola Brandão, em entrevista ao periódico Cômico, da Biblioteca Pública do Paraná, complementa a fala de Paulo Werneck, dizendo que o destaque recebido pelo autor, além da proliferação dos eventos literários, é benéfico pelo ponto de vista do leitor, já que significa dessacralizar a literatura, torná-la acessível e prazerosa.

Porém, nem tudo são flores. Há alguns autores que criticam essa busca pela figura do autor, em detrimento a sua obra. Na matéria realizada pelo Jornal Cômico, da Biblioteca Pública do Paraná, o autor Calos Henrique Schroeder critica a postura do autor que participa efetivamente de eventos literários:

Os autores que resolveram encarar eventos literários, de alguma maneira, afiaram seu discurso. Eu fui um deles. Sempre preparo ao menos as ideias centrais do que vou abordar um roteiro, para poder ser o mais conciso e objetivo possível nas falas.

O lado ruim disso tudo é que parte do público acaba associando o sucesso de um autor ao número de eventos que participa, ou o quanto ele sai na mídia. E isso é ridículo porque uma obra se constrói com calma, livro a livro, e não indo a eventos. (Fala do escritor Carlos Henrique Schroeder, Jornal Candido, 2014.)

Schroeder alega também que os Curadores dos eventos devem ser mais ousados e deixarem os autores terem mais liberdade para falar:

Se o autor aceitou o convite, é porque quer conversar à sua maneira, seja qual for. Escritor não é palhaço, não precisa dar show, mas sim ser coerente com sua obra, com o que ela representa. (Fala do escritor Carlos Henrique Schroeder, Jornal Candido, 2014.)

O autor Ricardo Lísias, na mesma matéria do Jornal O Candido, diz que percepção de que o perfil do autor ser mais atrativo do que sua obra dentro de um evento literário, é um motivo necessário para se discutir sobre o padrão dos eventos literários brasileiros. Aparentemente, autores que não se enquadram no perfil popular têm mais dificuldades em serem convidados a participar dos eventos.

Autores críticos podem incomodar, então não recebem tantos convites quanto os de comportamento chapa-branca. Eu recebo uma boa quantidade de convites, mas isso se dá também porque meu romance Divórcio acabou se tornando popular. Então, alguns organizadores sabem que meu nome atrai público. Outros querem alguém que diga o que pensa. Mas há de fato discriminação. (Fala do escritor Ricardo Lísias, Jornal Candido, 2014)

O autor acredita que a sensação de “mais do mesmo” em relação à fala e ao comportamento dos autores em muitos eventos, seja por conta de muitos deles, no Brasil, serem organizados pelo poder público, como prefeituras e governos estaduais. Uma fala bem comportada incomoda menos o organizador.

Os escritores que querem ir a muitos eventos, inclusive por razões financeiras, não podem manifestar-se politicamente. Isso explica certo comportamento chapa-branca, muito comum no *establishment* literário brasileiro. (Fala do escritor Ricardo Lísias, Jornal Candido, 2014)

É visível que a proliferação dos eventos literários pelo Brasil, nos últimos anos, foi benéfica tanto para autores, como também para outros agentes do setor editorial brasileiro. Porém, quando falamos em Economia do Livro, temos de observar também não apenas os agentes do campo que têm maior capital social acumulado. Então, como é o impacto de um evento literário que ocorre no interior do país, não apenas para os agentes do campo que detêm maior capital social, mas também daqueles que detêm menos recursos, como os autores independentes, por exemplo?

Assim, nos próximos capítulos apresentaremos o caso Flipoços – Festival Literário de Poços de Caldas, e de como ele desenvolve os pilares do PNLL – Plano Nacional

do Livro e da Leitura: Democratização de acesso; Fomento à leitura e formação de mediadores; Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; Desenvolvimento da economia do livro.

6 METODOLOGIA E O EVENTO ESCOLHIDO PARA ESTUDO

De acordo com Leite (2008, p.40), “é através da pesquisa que a ciência progride e atinge seus objetivos, de servir como instrumento de desenvolvimento do homem e sua sociedade.” Porém, para que isso ocorra, é imprescindível que a pesquisa utilize métodos e técnicas científicas. A metodologia científica é definida assim por Minayo:

Atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 1993. p.23)

No capítulo introdutório deste estudo, apresentamos nosso interesse em realizar uma reflexão sobre o universo dos eventos literários no país e se os mesmos podem contribuir para o desenvolvimento dos pilares do PNLL. Apesar da pouca bibliografia disponível sobre o tema contemporâneo, realizamos um levantamento de reportagens e entrevistas com informações diversas sobre os eventos literários brasileiros, que foram fontes fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa até aqui.

Assim, o caminho metodológico a se seguir, é o da abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA, MENEZES, 2000. p. 20)

Para isso, a técnica escolhida é o estudo de caso, que de acordo com Yin (2005, p.19) “é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”.

De acordo com Ventura (2007) o estudo de caso pode ser classificado de três formas.

Conforme os objetivos da investigação, o estudo de caso pode ser classificado de intrínseco ou particular, quando procura compreender melhor um caso particular em si, em seus aspectos intrínsecos; instrumental, ao contrário, quando se examina um caso para se compreender melhor outra questão, algo mais amplo, orientar estudos ou ser instrumento para pesquisas posteriores, e coletivo, quando estende o estudo a outros casos instrumentais conexos com o objetivo de ampliar a compreensão ou a teorização sobre um conjunto ainda maior de casos. (VENTURA, 2007. p. 384)

Sendo assim, o estudo de caso instrumental parece ser o mais indicado, já que através do evento literário selecionado para estudo, teremos condições de compreendermos melhor o agente evento literário, dentro do setor editorial e, deste modo, contribuímos para futuras pesquisas sobre o tema, um dos objetivos deste estudo.

6.1 Qual evento estudar?

Como observado nos capítulos anteriores deste estudo, o PNLL é uma importante conquista do setor editorial brasileiro, pois se tornou política de governo, um passo importante para que o programa se torne política de estado e acabar com a falta de uma política contínua para o setor. O programa é de suma importância para a cadeia editorial, devido aos quatro pilares que o organizam: Democratização do acesso; Fomento à leitura e à formação de mediadores; Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; Desenvolvimento da economia do livro.

Com a criação do Circuito Nacional de Feiras Literárias, em 2011, o Ministério da Cultura, através da Fundação Biblioteca Nacional, entendia que os eventos literários poderiam contribuir para o sucesso do PNLL.

Em vista desse aspecto, para escolhermos o evento literário para o estudo de caso, utilizamos as mesmas características exigidas para participar do Edital de Apoio ao Circuito Nacional de Feiras de Livros e Eventos Literários 2015, realizado pelo Ministério da Cultura através da Fundação Biblioteca Nacional: Ter no mínimo três edições realizadas; Ser realizado em uma cidade de interior; Fazer parte do Calendário de Eventos Literários; Ter programação variada para o público visitante; Ter características mercadológicas, com espaço para que editoras vendam suas obras.

Pensando nessas características e no Quadro apresentado na página 51 deste estudo, escolhemos um dos mais tradicionais eventos literários do estado de Minas Gerais: o Flipoços – Festival Literário de Poços de Caldas e a Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas.

O evento – ou os eventos, se considerarmos que são dois tipos em um (Feira e Festival) – foi escolhido por contemplar todas as características definidas acima e divulga como seu objetivo principal, levar à cidade de Poços de Caldas editoras, livrarias e entidades afins ao livro e literatura, com o intuito de oferecer ao visitante do Festival uma série de

títulos variados, a preços competitivos. O evento ainda promove o encontro do público com a literatura por meio das mais variadas expressões artísticas.

Outro ponto importante para a escolha do evento é a sua consolidação. O Flipoços completou, em 2017, sua 12ª edição, de maneira ininterrupta, e por isso apresentaremos, no próximo capítulo, as ações realizadas pelo Festival/Feira e sua relação com outros agentes do setor editorial, como autores, editoras, livrarias e público leitor.

A análise vai averiguar se as ações do Flipoços estão de acordo com às necessidades definidas pelo PNLL, tentando responder os seguintes questionamentos: há democratização de acesso? Há fomento à leitura e formação de mediadores? Há valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico? Há o desenvolvimento da economia do livro?³⁹

Para cada um desses questionamentos, analisaremos os seguintes pontos:

- Democratização do acesso: programação com entrada livre destinada ao público em geral, como saraus literários, contação de histórias, distribuição gratuita de livros e materiais de leitura, dentre outras atividades de fruição cultural que favoreçam a democratização do acesso ao livro e práticas de leitura.
- Fomento à leitura e formação de mediadores: programação destinada aos educadores, bibliotecários e demais profissionais que atuam com mediação de leitura por meio de cursos, oficinas, dentre de outras atividades de formação;
- Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico: programação destinada à promoção e difusão de temáticas acerca do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, por meio de seminários, jornadas profissionais, fóruns e congressos dentre outras atividades voltadas para o debate e disseminação de políticas e programas desenvolvidos por setores públicos e privados.
- Desenvolvimento da economia do livro: programação destinada a promover a participação de autores locais e de outras regiões, divulgação de obras literárias em diversos formatos, bem como atividades que promovam a circulação e comercialização de livros, por meio de expositores, estandes, rodadas de negócios

³⁹ De acordo com os questionamentos encontrados no Edital de Apoio ao Circuito Nacional de Feiras de Livros e Eventos Literários 2015, que se encontra em Anexo.

e demais atividades voltadas para o estímulo à sustentabilidade de profissionais e empreendimentos do setor (autores, livrarias, editoras, etc.).

Para ajudar no estudo de caso, realizamos uma entrevista com Gisele Corrêa Ferreira, proprietária da GSC Eventos Especiais, empresa que organiza o Flipoços.

De acordo com Triviños (1987), entrevista como ferramenta é um dos principais recursos que o investigador pode utilizar-se como técnica de coleta de informação.

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutificando de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑO, 1987. p. 146)

Realizada na sede da GSC Eventos Especiais, na cidade de Poços de Caldas, em fevereiro de 2017, a entrevista foi dividida em três etapas, com total de 20 perguntas. A primeira etapa é voltada para a organização do evento literário; a segunda para a relação do evento com outros agentes do setor editorial (editoras, livrarias, autores convidados); e a terceira para relação com a comunidade na qual o evento está inserido. A entrevista foi gravada com o consentimento da entrevistada e está, na íntegra, anexada ao final deste estudo.

7 O CASO FLIPOÇOS

Através da exposição da história e desenvolvimento do Flipoços, ao longo de suas 12 edições, observaremos se as ações do evento estão de acordo com os pilares do PNLL: Democratização de acesso, onde analisaremos se o evento tem atividades de fruição cultural que favoreçam a democratização do acesso ao livro e práticas de leitura; Fomento à leitura e formação de mediadores, onde a análise se dá pelas atividades destinadas a educadores, bibliotecários e demais profissionais que atuam com mediação de leitura por meio de cursos, oficinas, dentre de outras atividades de formação; Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico, onde analisaremos se a programação do Flipoços contempla a promoção e difusão de temáticas acerca do livro, da leitura e da literatura; Desenvolvimento da economia do livro, onde analisaremos se o Flipoços contribui para a cadeia editorial através de atividades que envolvam desde a participação de autores locais, até o estímulo para a promoção e a circulação de livros.

7.1 Flipoços

O Flipoços é um evento literário idealizado por Gisele Selmar Ferreira Corrêa, empresária especializada em eventos culturais, residente na cidade de Poços de Caldas, interior de Minas Gerais. A ideia de realizar um evento literário na cidade de Poços de Caldas surgiu da experiência que teve ao visitar eventos literários europeus, quando viveu por seis anos na Suíça. Retornou ao Brasil em 2003 e buscou retomar a antiga empresa de eventos que gerenciava. Como nunca tinha organizado um evento literário antes, tratou de visitar outros eventos, como a Bienal Internacional do Livro de São Paulo e conversar com profissionais do setor editorial, para verificar a viabilidade de um evento como esse na cidade de Poços.

Naquele momento eu não conhecia nada do mercado editorial, nem as pessoas, nada. Fui na “cara dura” com uma outra colaboradora daqui da empresa, de mochila nas costas, pra poder pegar informação, conversar com as pessoas, sentir naquele universo de expositores, de editoras e livrarias, e verificar se nós teríamos alguma chance de lançar a feira do livro aqui em Poços de Caldas. E naquele momento ficamos muito entusiasmadas, porque fomos muito bem recebidas, o projeto nem tinha nascido ainda, nem estava 100% pronto para nascer. A gente ainda estava deslumbrada. Ai sim, depois dessa visita da Bienal do livro em São Paulo, que realmente eu falei: Vamos fazer!⁴⁰ (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

⁴⁰ A entrevista completa com Gisele Corrêa está na íntegra anexada a este trabalho.

Assim, em maio de 2006, com o apoio da prefeitura local, era realizada a 1ª edição da Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas no Espaço Cultural da Urca. A Feira contou com apenas 30 expositores na época e como programação somente algumas atividades infantis.

Figura 19 – 1ª Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas



Fonte: Flipoços⁴¹

No ano seguinte, nascia em paralelo a Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas, o 1º Festival Literário de Poços de Caldas (Flipoços), que visava oferecer ao visitante não apenas a venda dos livros, mas o contato com seus autores. Sobre o porquê de oferecer dois tipos de eventos em um, Gisele Corrêa diz que é

pela deficiência de livrarias que temos, não apenas em Poços, mas em todo Sul de Minas, e pela cidade ser a maior da região e ser referência em termos de comércio de turismo, de indústria e tudo mais, nós achamos importante acessibilizar para toda população, livros de uma forma geral como produto, com preços competitivos e atrativos. Por outro lado, o festival literário hoje, depois de passado todos esses anos, é o principal produto. Na verdade ele é mais importante do que a feira, porque se a gente tem um festival de nome, um festival de peso, com grandes autores, e isso na minha concepção, fazendo com que as pessoas tenham acesso aos autores, isso vai estimular que as pessoas comprem o livro. Então o viés hoje é mais pelo contato direto com o autor, pela possibilidade, pela oportunidade que a gente dá a toda população, a todas as pessoas de estarem lado a lado, frente a frente com o autor, pra que isso seja uma estimulação para ir a feira depois e adquirir o livro. Esse é o grande diferencial. Eu acho que o Flipoços consegue trabalhar os dois lados de uma forma belíssima e super-harmônica. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

⁴¹ Disponível em: <<http://www.flipocos.com/2017/nossa-historia.html>>. Acesso em 17 de fevereiro 2017.

Nos três primeiros anos de evento, o Flipoços passou por três diferentes locações na cidade de Poços de Caldas. No primeiro ano foi realizado no Espaço Cultural da Urca, no segundo na Associação Atlética Caldense e no terceiro no Palace Casino. Os três espaços são historicamente importantes para a cidade de Poços de Caldas. O Espaço Cultural da Urca era na verdade um casino e foi construído em 1942⁴². Porém, com a proibição do jogo em 1946, o espaço foi reutilizado e chegou a sediar a primeira faculdade de Poços de Caldas, o Centro Administrativo Municipal e somente na década de 80, foi transformado em Centro Cultural. O Palace Casino foi construído na década de 1930 e o prédio integra o Complexo Termal, juntamente com o Palace Hotel e as Thermas Antônio Carlos. O Palace Casino foi, durante muito tempo, um luxuoso cassino, com cineteatro e salões de baile. Com a proibição do jogo em 1946, o local tornou-se um centro de convenções, abrigando os mais importantes eventos da cidade⁴³.

Figura 20 – Espaço Cultural da Urca



Fonte: Foto feita pelo pesquisador em 9 de fevereiro de 2017.

⁴² Flipoços <<http://www.flipocos.com/2017/urca.html>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

⁴³ Jornal Estado de Minas <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/02/19/interna_gerais,499954/palace-cassino-de-pocos-de-caldas-e-reinagurado-apos-obras-de-revitalizacao.shtml>. Acesso em 03 de maio de 2017

Figura 21 – Palace Casino



Fonte: Foto feita pelo pesquisador em 9 de fevereiro de 2017.

Figura 22 – Sede da Associação Atlética Caldense

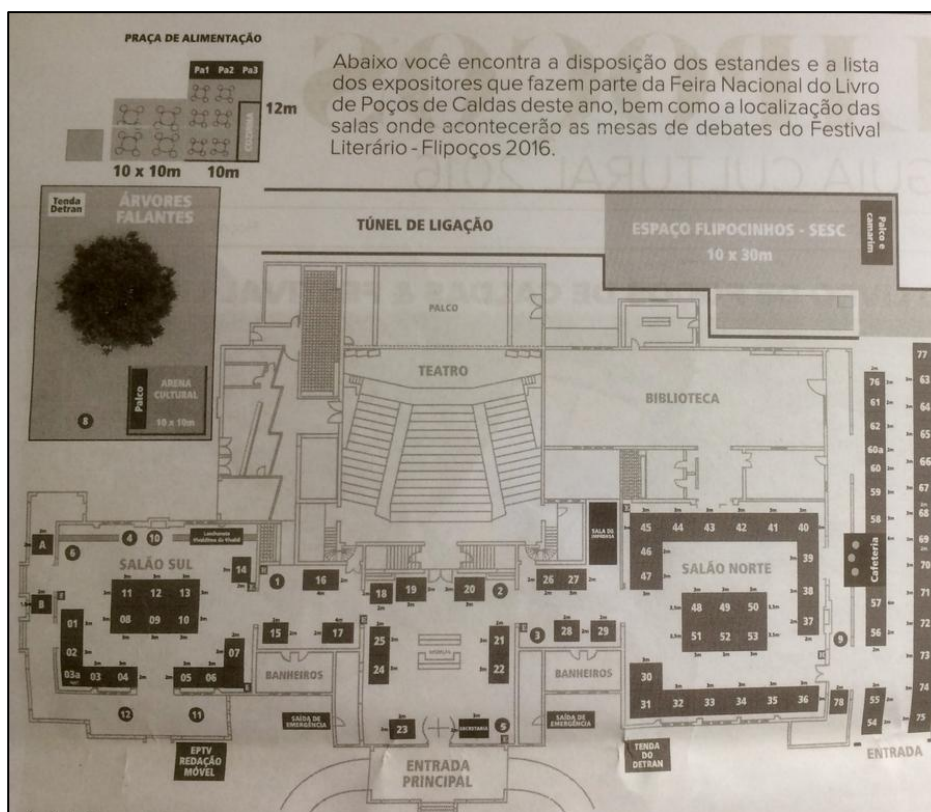


Fonte: Panoramico.⁴⁴

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/35773478>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

O maior número de edições do evento aconteceu no Espaço Cultural da Urca. Abaixo, podemos observar no Mapa do Flipoços, como o evento utiliza as dependências do espaço cultural.

Figura 23 – Mapa - Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas e Flipoços



Fonte: Guia do Flipoços 2016. Arquivo do pesquisador

Vale lembrarmos que o poder de um agente dentro do campo editorial, depende da quantidade de recursos ou capital que dispõe. Thompson (baseado em Bourdieu, é sempre válido ressaltar) divide o campo editorial em cinco tipos de recursos: capital Econômico, capital Humano, capital Social, capital Intelectual e o capital Simbólico.

O Flipoços, enquanto agente do campo editorial, tem no capital econômico a capacidade de conseguir recursos financeiros, como por exemplo, as leis de incentivo à cultura e os patrocinadores conquistados. Nas primeiras edições do evento, o principal aporte financeiro foi o apoio institucional da Prefeitura de Poços de Caldas e a venda de estandes para livrarias e editoras. De acordo com a organizadora Gisele Corrêa, a partir do terceiro ano o Flipoços começou a participar de leis de incentivo, porém o evento não é dependente delas para acontecer.

O mecanismo da lei de incentivo é fundamental, das leis de incentivo como um todo, municipal, estadual e federal. No nosso caso especificamente, claro que as leis são super importantes, mas hoje nós já conseguimos pela credibilidade do evento, pelo conceito positivo que o evento conquistou dentro da área editorial, nesse universo geral do livro, leitura e todo mais, nós conseguimos viabilizar o evento, não só com a participação de empresas através das leis, mas muito através de apoio de entidades que investem no nosso evento. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

A organizadora cita a parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio) de Minas Gerais, que investe no evento através da montagem e curadoria de um espaço infantil.

Como é o caso do Sesc, que é um grande parceiro. Ele faz a curadoria do espaço Sesc Flipocinhos. Ele investe em toda a estrutura física, decoração e todas as atrações que são disponibilizadas para as crianças, para os jovens, dentro do espaço Sesc Flipocinhos. Isso é um investimento altíssimo, que nós organizadores não teríamos condições de fazer se dependêssemos apenas dos recursos de captação. Pra gente viabilizar um espaço desse, a gente não teria condições financeiras pra isso. Então isso é um fator que a gente tem que relevar muito e tem que agradecer muito.

O fato é que a gente trabalha muito dentro do que a gente tem. Talvez um diferencial que a gente tem, do Flipoços ser um evento ininterrupto e termos realizado ao longo de todos esses anos, faça chuva ou faça sol, é exatamente este olhar que eu pessoalmente dou a ele, do seguinte sentido: faça, mesmo que menor, mesmo que não seja com aquela grandiosidade que sempre foi. Mas não deixe de fazer. Sempre com pé no chão. Fazendo aquilo que a gente tem condições de fazer. Se dá pra trazer um mega escritor com cachê, ótimo, trazemos. Se não der pra trazer, a gente faz com outras coisas. Tem de usar a criatividade. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Figura 24 – Espaço SESC Flipocinhos



Fonte: Flipoços⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: < <http://www.flipocos.com/2017/urca.html>>. Acesso em 22 de maio de 2017.

Sobre a programação do Flipoços, o evento tem entrada totalmente gratuita para a população visitante. Tanto para a feira, quanto para as atividades do Flipoços. Para as atividades que o evento chama de "Palestra Master", com autores mais famosos, o evento pede a doação de um livro em troca do ingresso. Os livros arrecadados são doados posteriormente.

As atividades do Flipoços atualmente são realizadas entre nove dias e contam com uma programação bem variada. No impresso oficial do evento em 2016, consta que as atrações foram *"aproximadamente 80 expositores oferecendo milhares de exemplares a preços acessíveis, praça de alimentação e atividades culturais para todas as idades e diversas mesas literárias e discussões sobre temas polêmicos e atuais"*.

Figura 25 – Guia oficial do Flipoços 2016



Fonte: Arquivo do pesquisador

Dentro de um evento literário, o capital humano está na capacidade de acumular uma equipe de pessoas em sua organização com conhecimento e habilidades acumuladas para o desempenho de suas funções. No capítulo 2 desta pesquisa, apresentamos o exemplo do curador de um festival literário, que desempenhando bem sua função, conseguirá desenvolver a melhor programação com os recursos financeiros que estiverem disponíveis para tal.

A curadoria do Flipoços é realizada pela própria organizadora do evento, não tem a contratação de um profissional específico para essa tarefa. Ela acredita que seu conhecimento do mundo literário, aliado às sugestões do público, é suficiente para realizar um evento com um bom nível literário.

É uma característica também bastante particular, pessoal e que a gente faz muito através do sentimento. Eu, como sou muito ligada ao mundo da literatura e estou sempre ouvindo, estou sempre acompanhando, procuro ter essa abertura em relação a esse universo. Eu sempre procurei fazer aquilo que estou sentindo, atingindo não só a minha expectativa, minha vontade, daquilo que eu gosto, mas no geral.

Essa questão de você contratar um curador, uma pessoa estrela para fazer a curadoria, eu não curto isso, não gosto disso, não faço isso, não farei isso. Eu acho que é nosso evento, um evento muito personalizado com a cara do que nós somos. O evento tem a nossa cara. Então se a gente faz uma curadoria, a gente faz aquilo usando nosso sentimento, usando sugestões do público. A gente aceita muita sugestão de todo mundo que vem. Lógico que vemos todas as viabilidades, até mesmo em termos de conteúdo editorial, literário mesmo, pra gente também não fazer um evento, que não seja de um bom nível literário. É um evento feito por todos. O Flipoços é um evento de todos, feito por todos, para todos. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

O capital intelectual de um evento literário refere-se ao conteúdo intelectual que o mesmo pode proporcionar, principalmente nos modelos de eventos literários, onde o autor e atrações artísticas são os agentes de poder hierárquico maior dentro do campo. É o caso do Flipoços, que tem a própria organizadora como curadora do evento e não um agente do setor (autor, editor, etc.) incumbido de realizar curadoria de eventos literários e que é contratado ou convidado para construir uma programação – como acontece na Flip - Festa Literária de Paraty, por exemplo. No festival de Poços de Caldas, as atrações se mostraram diversas e contemplam várias expressões artísticas além da literatura, como música, teatro e artes plásticas. Verificando as atrações dos anos de 2015 e 2016, pôde-se perceber muita atividade infantil, lançamento de livros, mesas com autores dos mais variados temas, peças de teatro, oficinas com temas variados e até mesmo workshops voltados para Bibliotecários e Educadores.

Pra mim todo tipo de arte converge na literatura ou diverge dela. Pois nenhuma outra arte não acontece se você não lê, se você não enxergar, se você não discutir, se você não tiver uma referência. Pra mim, a literatura é a arte número 1 para qualquer outro tipo de expressão artística. Então, partindo desse princípio, inserir

outras artes neste contexto é sempre muito importante. Tem algumas características do Flipoços que a gente faz questão de manter, até mesmo para valorizar as outras artes. Como a mostra de cinema, que é uma linguagem visual, mas ela é sempre advinda da literatura; o encontro de escritores lusófonos de literatura portuguesa, pois a valorização de nosso idioma também é muito importante. A educação também é lembrada, pois sempre acontece um minicongresso de educação dentro do festival. É uma atividade permanente do festival, já que não existe literatura sem educação, como também não existe educação sem literatura. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

O Flipoços também abre espaço aos autores e artistas locais. São inúmeras atividades nas quais o escritor caldense tem destaque. De acordo com Gisele Corrêa, o evento está aberto todos os anos para os autores locais, sem necessitar de edital, ou qualquer outro meio de seleção para participar. Outro ponto que Gisele Corrêa faz questão de destacar é que a primeira atividade do festival é sempre com escritores locais.

Eles, pra mim, é que simbolizam realmente a literatura da cidade, até por uma questão de merecimento, de reconhecimento de valorização dos nossos escritores, a primeira atividade do festival é feita com eles. Eles é que abrem todos os anos o festival literário, no sábado de manhã. A gente elenca apenas uma pessoa para mediar o grupo e todos eles participam, apresentam suas obras, conversam entre si e com o público. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Figura 26 – Escritores de Poços de Caldas



Fonte: Facebook do Flipoços⁴⁶

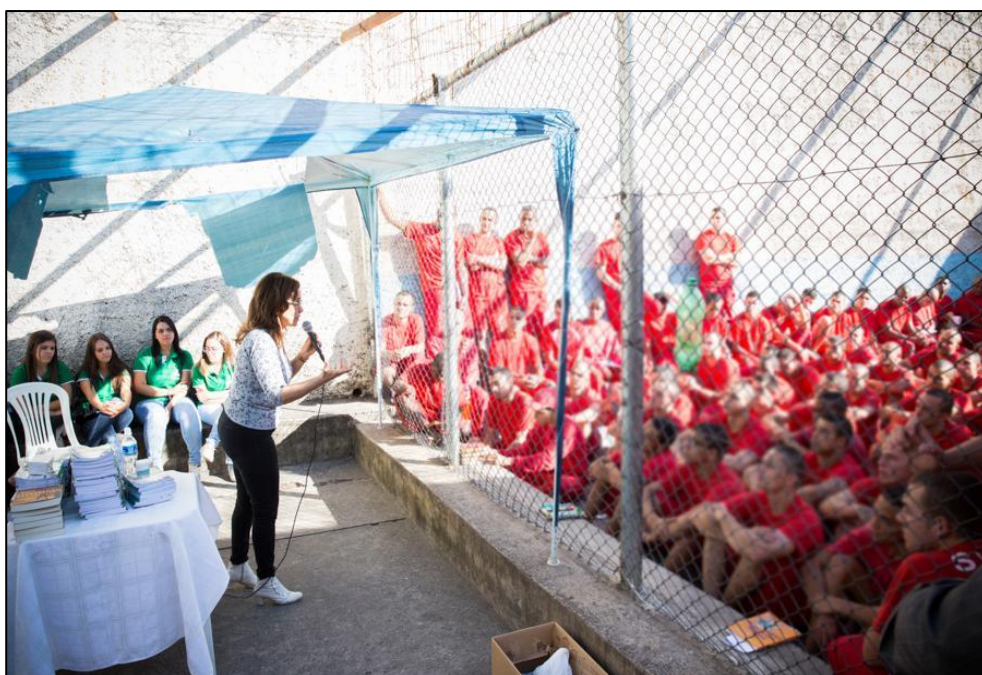
O festival também tem atividades que visam o desenvolvimento sociocultural da cidade. Uma destas atividades é o “Circuito Pegada Literária”, que leva as atividades culturais e literárias do festival para outros pontos da cidade. A ideia é fazer com que mais pessoas sejam inseridas na programação do festival.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/feira.flipocos/posts/?ref=page_internal>. Acesso em 04 de maio de 2017.

O evento também mantém parceria com o Presídio de Poços de Caldas, na condução de um concurso cultural que tem como objetivo oportunizar o acesso à cultura e promover a interação entre os detentos com os meios artísticos da escrita e desenho após o estudo de uma obra literária, estimulando o processo criativo, da expressão artística, da produção literária e da transformação de seus sentimentos e emoções em arte. Os detentos também participam de atividades do Flipoços dentro do pátio do presídio, como contação de histórias e encontro com autores.

A gente tem um projeto anual que é esse do presídio, que tem dois anos que a gente tem feito e que tem dado muito resultado. Nós começamos no presídio de Poços e hoje nós já estamos atendendo o presídio de Andradas e o presídio de Botelhos, que é um projeto de remissão de pena através da literatura, do livro. A gente faz um trabalho ao longo do ano com os presidiários, com os reeducandos, e durante o festival literário nós levamos atividades para dentro do pátio, como contação de histórias, leituras coletivas. Esse ano a gente deve levar um bate-papo com escritores vinculados ao hip-hop. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Figura 27 – Contação de histórias no presídio de Poços de Caldas



Fonte: Flipoços⁴⁷

As redes públicas e privadas de ensino também são beneficiadas com as atividades do Flipoços. Além de o evento ser aberto a visita de várias escolas de Poços de Caldas e região, elas também trabalham com seus alunos a leitura de livros dos autores convidados para o evento. Também é organizado um concurso cultural nas escolas da cidade e o resultado é anunciado durante a programação do Flipoços.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.flipocos.com/2017/index.html>>. Acesso em 04 de maio e 2017.

A gente tem um concurso cultural que desenvolvemos nas escolas, que começa em novembro e vai até o período do festival. No festival a gente divulga o nome dos vencedores. Toda a rede pública e particular de ensino da cidade se envolve com esse concurso cultural, que é sempre baseado na temática do festival. Então trabalha obras e trabalha o literário artístico, desenho e arte, desenho e literatura, nesse concurso cultural. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Figura 27 – Cartaz do Concurso estudantil - Flipoços



Fonte: Cartaz do Concurso Estudantil 2017 - Arquivo do autor

Um problema, no entanto, relatado pela organizadora do evento, é em relação a mensuração de resultados efetivos destas ações.

Estatisticamente, infelizmente não. Temos apenas o depoimento de pessoas, das que trabalham em presididos, da diferença que isso tem feito lá, das mulheres presidiárias que hoje conseguem ter um relacionamento melhor com a família, porque começou a ler determinado livro. O concurso cultural também tem mobilizado escolas, porque a cada ano a gente tem recebido cada vez mais trabalhos. Então isso também é reflexo do potencial e do poder desse trabalho que a gente tem desenvolvido. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Em relação à feira de livros, os estandes são comercializados e todos têm as mesmas características. De acordo com o esquema de distribuição dos estandes, encontrado no programa oficial e no site do evento, são quase 80 estandes, que foram adquiridos por editoras, livrarias e empresas ligadas ao evento.

A feira comercializa os estandes, como qualquer outra feira. A nossa feira tem uma outra característica que eu faço questão de manter, que é uma feira de estande básico. Não tem nenhuma editora, nem que sejam as maiores, elas não têm esse esquema de fazer estande produzido, estande projetado, estande mais bonito que o outro. Aqui todos são iguais. Pode ser a Companhia das Letras, como uma editora independente, pra gente são todos iguais, e a feira tem essa característica de ser uma montagem básica para todos. Isso propicia que façamos preços iguais. Outro motivo que mantenho a montagem básica é pelo local do evento, que é um prédio tombado pelo patrimônio. Então, até pra gente valorizar o espaço, que já é muito bonito, que é um espaço que tem uma história bonita de literatura, da época dos cassinos, da época que recebeu grandes literatos, pessoas muito importantes, temos que agredir o mínimo do espaço. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Cabe ressaltar que, apesar da igualdade em relação ao metro quadrado, dos quase 80 estandes comercializados para o evento de 2016, nada impede que uma editora, por exemplo, compre mais de um estande, se destacando perante as outras. Sobre o preço dos estandes, Gisele Corrêa explica que mesmo as editoras sendo associadas a entidades de classe, como a CML e a CBL, que apoiam o evento, não têm desconto no valor do estande, que custa em média 270 reais o metro quadrado⁴⁸. Não estão inclusas neste valor, as despesas de viagem, transporte de mercadorias e hospedagem dos profissionais que vão trabalhar nos estandes.

O custo para o expositor ficar aqui em Poços de Caldas não é assim tão alto, como em outras cidades e bienais. Nós também temos um convênio com vários hotéis da cidade com preços razoáveis. Acaba sendo um custo benefício bem interessante. Assim, o custo do estande é um valor fechado, até mesmo porque dependemos do recurso para investir no próprio evento. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

De acordo com Gisele Corrêa, a procura por estandes sempre aumenta a cada ano. Essa questão pode ser relacionada ao capital social que o Flipoços acumulou ao longo de suas edições. Esse capital refere-se às relações que o evento literário construiu com outros agentes atuantes no campo editorial, como autores, editoras, livrarias, etc. O acúmulo deste capital é o que diferencia um evento estreante (ou que tenha poucas edições realizadas) para um evento já consolidado.

Outro ponto que deve ser mencionado é a relação do evento com os autores convidados. Apesar de ser uma prática comum nos eventos literários, o pagamento de cachê

⁴⁸ Preço da edição da Flipoços 2017.

no Flipoços não é usual. Isso aumenta a responsabilidade para realizar uma curadoria de qualidade para o evento, já que sua programação é estendida por nove dias.

Posso dizer que 90% dos casos é sem cachê. E pagamos todas as despesas de transporte e alimentação. Um ou outro caso é com cachê. O pessoal faz questão de vir, as próprias editoras que oferecem os autores. Hoje já tem um processo mais inverso, hoje eles pedem para participar. Hoje, o Flipoços se tornou uma vitrine importante de lançamento para o mercado editorial. Temos vários lançamentos oficiais aqui no Flipoços. Isso também impulsiona a vinda dos autores sem ter a contrapartida do cachê. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Podemos entender, então, que o recurso financeiro não é um chamativo para os autores e atrações artísticas participarem do evento. A participação do Flipoços, em si, é o maior ganho para eles. Isso sugere um acúmulo de capital simbólico por conta do evento. Esse capital está ligado ao prestígio acumulado e ao *status* associado. Participar de evento literário com alto capital simbólico é sempre o objetivo de outros agentes do campo editorial.

Por fim, vale destacar a dificuldade em mensurar resultados. Não apenas nos projetos sociais que o Flipoços organiza, mas em relação aos números do festival, como o de visitantes, a maneira como o festival impacta na economia local, a própria movimentação financeira das editoras e livrarias durante a Feira de Livros.

A gente tem recebido ao longo dos anos, uma crescente da visitação de público ao longo dos últimos anos. Este ano de 2017, a expectativa fica em torno de 50 a 60 mil pessoas em nove dias. Isso já contando toda a região que frequenta a cidade de Poços de Caldas durante o período do evento. Em um raio de 150 km ao redor de Poços, mais ou menos de 80 a 100 cidades. Isso é o levantamento mais correto que a gente tem. A gente chegou a fazer um levantamento das cidades que vem aqui. Então até um raio de 150 km ao redor de Poços, frequenta o Flipoços, e Campinas também, que esta fora desse raio, mas muita gente de Campinas vem. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

Sobre o impacto na economia local, a organizadora do Flipoços reconhece a falta de possibilidade de mensurar o resultado.

Eu gostaria de ter um instrumento que me desse esse background. Mas eu tenho certeza que faz a diferença, mas por feeling. Mas tenho certeza que faz muita diferença para os hotéis, pros bares, as escolas todas se mobilizam muito. As escolas de cidades ao lado vêm com ônibus e mais ônibus de crianças, de jovens, de adultos que vêm pra passar o dia inteiro aqui. Obviamente que este contingente está consumindo dentro da cidade. Então eu acho que toda a cadeia produtiva do turismo é muito beneficiada, com certeza. Mas eu ainda preciso ter mais dados também. (Gisele Corrêa, 2017. Entrevista concedida ao autor.)

7.2 Os pilares do PNLL

A entrevista com a organizadora do Flipoços e as informações disponibilizadas na sessão anterior nos permitem refletir sobre como um evento literário pode difundir os pilares

do PNLL. Podemos afirmar que o Flipoços tem essa capacidade, visto que sua programação democratiza o acesso do público com entrada livre de cobrança de ingressos. Mesmo nas atividades mais concorridas, é possível trocar sua entrada por um livro, que será doado a entidades e bibliotecas posteriormente. Outro ponto que democratiza o acesso é o fato dos expositores da feira tenha livros terem uma política de preços para todas as faixas de renda.

O Flipoços também se mostra preocupado ao longo de sua trajetória, em formar mediadores e valorizar institucionalmente a leitura e seu valor simbólico. Para isso, ele conta com várias atividades durante seu evento, entre elas oficinas culturais e *workshops* para bibliotecários e educadores.

Por fim, quanto ao desenvolvimento da economia do livro, ou cadeia editorial – como tratamos nesta pesquisa –, o Flipoços contribui ofertando a editoras e livrarias, a possibilidade de oferecer seus produtos a uma região carente em oferta dos mesmos. O evento ainda oferece a outros agentes do setor editorial, como os autores, por exemplo, sejam eles iniciantes ou não, um espaço já consolidado no circuito de eventos literários nacional, para apresentação de suas obras e pensamentos sobre os mais variados temas.

Vale ressaltar, que o PNLL é um programa conjunto dos Ministérios da Educação e Cultura, e tem “*por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável*” (BRASIL, 2006).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o projeto desta pesquisa, buscávamos apresentar um panorama dos eventos literários no Brasil. Durante a discussão, percebemos que era preciso, sobretudo, organizar as informações sobre o tema. Por conta de sua contemporaneidade, enfrentamos o desafio de realizar uma pesquisa sem muito referencial teórico. Sendo assim, propomos, como objetivos específicos, a organização de informações relativas ao tema e a construção de um quadro com os tipos e características mais comuns dos eventos literários brasileiros. Com isso, tencionamos contribuir não apenas para delinear os caminhos desta pesquisa como contribuir também para que novos estudos sobre o tema possam surgir.

Nosso objetivo geral foi o de analisar um evento literário brasileiro, verificando as formas de como ele pode contribuir para o desenvolvimento dos pilares do PNLL. O programa tornou-se uma política de governo e desde sua criação, o objetivo tem sido promover a inclusão social no que diz respeito a bens, serviços e cultura. Vale aqui lembrar, que o programa como um todo, se baseia em 4 pilares: democratização de acesso, o fomento à leitura e formação de mediadores, a valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e o desenvolvimento da economia do livro.

Pensando na popularização destes pilares, o Ministério da Cultura lançou em 2011, o Circuito Nacional de Feiras de Livros, pois entendia que os eventos literários poderiam contribuir efetivamente para desenvolver os pilares do PNLL. Sendo assim, para estimular a expansão dos eventos no país, o Ministério da Cultura preparou um pacote de apoio com o objetivo de beneficiar tanto novos eventos como aqueles que já existiam.

Para receber o apoio do Circuito Nacional de Feiras de Livros, os eventos deveriam seguir os seguintes critérios: Ter no mínimo três edições realizadas; Ser realizado em uma cidade de interior; Fazer parte do Calendário de Eventos Literários; Ter programação variada para o público visitante; Ter características mercadológicas, com espaço para que editoras vendam suas obras.

Foi pensando nessas características, que escolhemos o Flipoços – Festival Literário de Poços de Caldas e a Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas para a realização deste estudo. Essa decisão se mostrou acertada, já que foi possível avaliar, através dele, que os eventos literários podem realmente desenvolver os pilares do PNLL.

Infelizmente, o último edital de incentivo aos eventos literários, anunciado pelo Governo Federal, foi no ano de 2015 e parece não haver a intenção, por parte do governo, de retomar o programa de incentivo. É possível que a próxima etapa da evolução dos eventos literários no país seja, novamente, lutar para sobreviver em meio a crises, perda de patrocinadores, etc.

Porém, esta pesquisa mostrou que há também a necessidade de sistematização do universo dos eventos literários no país. Não apenas em relação a uma organização de informações – como essa pesquisa se propôs a contribuir –, mas também no planejamento desses eventos. A programação do Flipoços, por exemplo, apesar de termos concluído que é condizente com as necessidades do PNLL, é construída através do sentimento de sua organizadora, com base na sua experiência pessoal com a realização desse tipo de evento, não tendo um embasamento técnico do porquê das escolhas desta ou daquela atração. Foi possível verificarmos, também, que falta ao Flipoços mensurar os resultados de suas ações, tanto em relação ao desenvolvimento da economia local, como também no desenvolvimento social. É de se imaginar que este seja um problema que um pesquisador terá de enfrentar ao pesquisar a maioria dos eventos literários no Brasil.

Não é o fato, aqui, de se considerar que a ausência de uma curadoria embasada em questões técnicas ou a falta de resultados mensuráveis de suas ações sejam atitudes descuidadas por parte da organização do Flipoços. Longe disso. O Flipoços merece, sim, ser reconhecido por se manter crescendo e se destacando ao longo dos anos, mesmo com as dificuldades que foram impostas ao longo de sua trajetória. Na verdade, o fato aqui apresentado mostra a necessidade de mais estudos e discussões sobre o tema, pois facilitará inclusive para os organizadores de eventos literários potencializarem os resultados de seus eventos.

Sendo assim, embora este trabalho não permita conclusões, e sim percepções sobre um agente contemporâneo do setor editorial brasileiro, esperamos contribuir para novos estudos sobre os eventos literários e quais suas contribuições não apenas para o campo editorial, como também para o desenvolvimento de uma sociedade através do consumo de bens, produtos e serviços culturais.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *Usos e abusos dos Estudos de Casos*. Cadernos de Pesquisa, 2006. n. 129. P. 637-651.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGANÇA, Anibal. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: O Instituto Nacional do Livro (1937 – 1967). Matrizes, Ano 2 – Nº 2, 2009.

BRASIL. Lei nº 7.505, 2 de julho de 1986. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7505.htm>.

_____. Lei nº 8.313/91, 23 de dezembro de 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>.

_____. Lei nº 10.753, 30 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm>

_____. *Portaria Interministerial MEC/MinC nº 1.442, de 10 de agosto de 2006*. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/08/2006&jornal=1&pagina=18&totalArquivos=128>>

CHARTIER, Roger. *As aventuras do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

COLOMER, Tereza. *La formación del lector literário: narrativa infantil y juvenil actual*. Fundación Germán Sánchez Ruipérez de Salamanca, Madrid, 1998.

DAS JORNADAS LITERÁRIAS, Equipe. *Homenagem à Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo*. *Álabe*, [S.l.], n. 12, dic. 2015. ISSN 2171-9624. Disponível em: <<http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/331>>.

DAHER, Maria del Carmen F. González. *Quando informar é gerenciar conflitos: entrevista como estratégia mercadológica*. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/especialist/19edaher.ps.pdf>>

DEMENECK, Bem-Hur. *O Brasil é uma festa*. Cândido – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, 2014. n. 41.

DOMINGUES, Rachel Bertol. *O Circuito do Livro: formas de acesso à literatura na contemporaneidade*. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.4, n.2, 2015.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva do livro*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

EQUIPE DAS JORNADAS LITERÁRIAS. *Homenagem à Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo*. Álabe, 2015. n. 12.

FAILLA, Zoara. *Retratos da leitura no Brasil 4*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2015.

FERNANDES, Frederico. *Festivais Literários, Sistemas Culturais e Marketing Territorial: um estudo de caso italiano*. Nonada: Letras em revista, v. 2, n. 23, 2014.

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. UFRS, 1999. n.10.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GOLDIN, Daniel. *En torno a las políticas públicas del libro y La lectura*. In: PASAJES de la edición: hablan los profesionales. Guadalajara: Cerlalc: Universidad de Guadalajara, 2003.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

LINDOSO, Felipe José. *Feiras de Livros, Indústria Editorial, Fomento a Leitura e Profissionalização de autores*. Disponível em <http://conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Felipe-Lindoso_Feiras-de-Livros.pdf> Acesso em 16 jan. 2016.

MASEDA, Cristina Souza Santos. GIBRAIL, Gabriela Dutra. *Flipinha: reinventando a cidade através da literatura*. Santiago de Compostela: 32º Congresso Internacional de IBBY, 2010.

MENDONZA, Juan. *La escuela y los libros em la cibercultura*; Cultura letrada, cultura industrial, cibercultura. In: . *El Canon digital*. Buenos Aires: La Crujía, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MUNIZ JR., José de Souza (2017) *El libro argentino y la globalización editorial*, Cursos Virtuales Instituto de Desarrollo Económico y Social, Buenos Aires.

MUNIZ JR., José de Souza. SZPILBARG, Daniela. *Edição e tradução, entre a cultura e a política: Argentina e Brasil na Feira do Livro de Frankfurt*. Revista Sociedade e Estado. 2016. Volume 31. Número 3.

GIBRAIL, Gabriela. *Os impactos dos eventos literários na comunidade e na escola*. In: Salto para o Futuro. Ano XVIII - boletim 16 - Setembro de 2008 Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/171428Eventos.pdf>>

ROSA, Flávia Goullart Mota. *Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca*. Ci. Inf. [online]. 2006, vol.35, n.3, pp.183-193.

RUBIM, Linda (Org). *Organização e produção a cultura*. Salvador: EDUFBA FACOM/CULT, 2005.

SALGADO, Luciana Salazar. *Quem mexeu no meu texto?: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*. Artigo A, 2017.

SAPIRO, Gisele. *La Sociologia de la literatura*. Fundo de Cultura Economica. Buenos Aires, 2016.

SILVA, E.L. da; MENEZES, E.M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2000.

THOMPSON, John R. *Mercadores de cultura*. São Paulo: Unesp, 2013.

TILL, Rodrigues. *Say Marques: o criador da Feira do Livro de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais – pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURA, Magda Maria. *O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa*. Rev SOCERJ. 2007;20(5):383-386.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WARTH, Cristina Fernandes. *Libre e PNLL - a trajetória de duas jovens entidades*. In: NETO, José Castilho Marques (Org.). PNLL : textos e história . Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/plano_nacional_livro_leitura_-_textos_historias_.pdf>

WERNKE, Zulmar (Org.). *O livro em Minas Gerais – uma pesquisa sobre o comportamento do leitor: o que se lê, o que se produz*. Belo Horizonte: Câmara Mineira do Livro, 2015.

ZANCHETTA, Sônia. *Organização de feiras de livros*. Câmara Rio-Grandense do Livro, 2010.

Sites e blogs consultados

Fundação Biblioteca Nacional: <<http://www.bn.br>>.

Salto para o Futuro. TV Escola – MEC:
<<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/171428eventos.pdf#page=29>>.

Bienal Internacional do Livro de São Paulo. <<http://www.bienaldolivrosp.com.br>>

FLIP – Festa Internacional Literária de Paraty. <<http://www.flip.org.br/>>.

Flipoços – Festival Literário de Poços de Caldas. <<http://www.flipocos.com/>>.

Feira do Livro de Passo Fundo. <<http://associacaolivreiro.wix.com/feiradolivropf>>.

Portal Negócios da Comunicação: <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/1/artigo204177-1.asp>>

O GLOBO. A explosão de eventos literários no Brasil.

<<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-explosao-de-eventos-literarios-no-brasil-em-2015-serao-mais-de-300-15192839>>

Instituto Pró-Livro. <<http://prolivro.org.br>>

Portal Brasil. <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2011/06/circuito-nacional-de-feiras-de-livro-realizara-75-eventos-este-ano-em-todo-o-pais>>

Lei Federal de Incentivo à Cultura <<http://rouanet.cultura.gov.br/>>

1949: A Primeira Feira de Frankfurt: Canal DW <<http://www.dw.com/pt-br/1949-primeira-feira-do-livro-de-frankfurt/a-634484>>

Feira do Livro de Frankfurt <<http://www.buchmesse.de/en/>>

Livraria Freebook <<https://livrariafreebook.wordpress.com/2011/11/07/a-feira-do-livro-a-importancia-do-encontro-cara-a-cara/>>

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com Gisele Corrêa – Organizadora do Flipoços⁴⁹

Transcrição completa e sem alterações.

A entrevista foi dividida em três partes, sendo a primeira voltada para a história e organização do Flipoços, a segunda para a relação do evento com as editoras e autores convidados, e por fim, o relacionamento do evento com a comunidade.

Primeira Parte – História e organização do Flipoços:

1 - O Flipoços atualmente é um evento consolidado no cenário literário nacional. A primeira edição ocorreu em 2006. O que motivou a criação do evento?

O primeiro ponto é que eu sempre fui uma leitora voraz. Isso, desde sempre, fui interessada no universo dos livros. Tive oportunidade de viver na Suíça durante seis anos e a Europa de um modo geral é um continente muito ligado à cultura, muito ligado à história, muito ligado a artes e à literatura, o que sempre me motivou muito, pois gosto de acompanhar a história das artes na Europa. E lá, pude participar de alguns eventos literários, já antigos, inclusive a própria Feira de Frankfurt, que é talvez a mais antiga do mundo, apesar de que lá não é bem um festival, é mais uma feira mesmo. E quando eu retornei para o Brasil em 2003, eu já vim com a concepção de fazer um evento literário aqui, só que isso ficou dentro de mim um período e eu acabei não viabilizando, porque eu estava chegando de um outro país, retomando minha empresa, já que ela ficou hibernada durante seis anos. A GSM completa agora em abril, 28 anos, então precisava chegar novamente no Brasil, me situar aqui.

Foi aí que somente em 2006, três anos depois de ter retornado ao Brasil, que eu consegui lançar o Flipoços. E como eu tinha dito, já era um projeto que eu tinha vontade de fazer e

⁴⁹ Entrevista realizada na cidade de Poços de Caldas em 10 de fevereiro de 2017.

naquele momento eu nunca tinha ouvido falar na Flip. Foi uma coincidência, pois depois que lancei o Flipoços em 2006, é que tomei conhecimento que existia a Flip. Na verdade, nosso ineditismo tenha haver com essa coisa de não termos sabido de forma alguma, que existia o outro festival aqui. Eu considero que o Flipoços nasceu junto com a Flip, sem uma saber da outra.

Naquele ano de 2006, nós conseguimos fazer um termo de parceria com a prefeitura municipal, com o prefeito da época que foi um grande incentivador e deu um apoio muito grande pra nós. E nós conseguimos então ter um apoio financeiro da prefeitura para a gente poder lançar a primeira edição. Então essa parceria foi um apoio muito importante, muito significativo naquele momento, pois não tínhamos apoio de ninguém, apoio de nada. Mas antes ainda de nós lançarmos em 2006 o Flipoços, em 2005 eu estive na Bienal do Livro em São Paulo. Naquele momento eu não conhecia nada do mercado editorial, nem as pessoas, nada. Fui na cara dura com uma outra colaboradora aqui da empresa. E fomos com mochila nas costas, pra poder pegar informação, conversar com as pessoas, sentir naquele universo de expositores, de editoras e livrarias, e nós teríamos alguma chance de lançar a feira do livro aqui em Poços de Caldas. E naquele momento ficamos muito entusiasmadas, porque fomos muito bem recebidas. O projeto nem tinha nascido ainda. Nem estava 100% pronto para nascer, porque a gente ainda estava deslumbrando. Ai sim, depois dessa visita da Bienal do Livro em São Paulo, que realmente eu falei: Vamos fazer! E ai, nós pegamos os contatos das editoras, das livrarias na Bienal de São Paulo, fomos muito bem recebidos quando falamos que éramos de Poços de Caldas, que queiramos lançar a feira do livro aqui.

Sentimos que teve uma receptividade boa e a partir daí que realmente a gente falou: vamos fazer e fizemos. Contamos com o apoio da prefeitura local, foi um apoio de 20 mil na época, lembro bem disso. Fizemos a comercialização dos estandes da feira e acabamos viabilizando. Trouxemos um ou outro escritor na época e a partir daí eu entrei de cabeça nesse universo do mundo dos livros no geral, de mercado editorial, de autores, das entidades ligadas ao mundo do livro, e hoje, eu posso dizer que o Flipoços é uma realidade feliz e vitoriosa, dentro desse processo e desses anos todos.

2 - Foi sua primeira experiência como produtora cultural?

Sim, foi minha primeira experiência. Minha empresa tem 28 anos, nós fazemos outros eventos, temos um calendário fixo. Além do Flipoços, temos outros eventos.

3 - Li uma matéria sobre o Flipoços no PublishNews, onde você fala que apesar de ter realizado o evento por 11 anos de maneira ininterrupta, você ainda encontra algumas dificuldades para realizar o evento. Buscando na memória é possível elencar os maiores desafios encontrados para a realização de um evento literário?

O maior desafio continua sendo com certeza: recurso. Porque sem recurso nós não conseguimos fazer grandes coisas. Mas costumo dizer, até mesmo para minha própria equipe, o que a gente faz é milagre. Deus põe tanto a mão em cima do que estamos fazendo, que a coisa acaba se multiplicando. Parece o milagre dos peixes. Aquela coisa bem divina. E felizmente a gente tem conseguido. As empresas têm nos procurado, as entidades têm nos procurado. Nessa edição mesmo a gente está surpresa com a quantidade de empresas que querem se associar a nós. Então isso acaba de certa maneira, amenizando aquela deficiência de recursos que a gente tem. Mas se a gente for olhar oficialmente a questão de captação de recursos, esse acaba sendo ainda o grande entrave, o grande problema e a grande preocupação que eu tenho enquanto gestora, porque a gente tem uma empresa, eu tenho todo um custo fixo, eu tenho toda uma gestão, não apenas do evento, mas também da própria empresa. E eu acho que a gente deva tomar muito cuidado pra gente gerir os negócios, ainda mais num país maluco como está hoje em dia.

4 - O Flipoços começou como uma feira literária e no ano seguinte ganhou um evento paralelo: um festival. São dois eventos em um. Se pensarmos nos modelos de eventos literários no país, temos aqueles que têm como o foco o livro como produto (Bienais e Feiras) e aqueles que têm o foco na promoção da literatura (Festas e Festivais), dando mais foco para os autores e outras expressões artísticas. O que te levou a realizar “dois eventos em um”?

Na verdade, pela deficiência de livrarias que temos, não apenas em Poços, mas em todo Sul de Minas. E pela a cidade ser a maior do Sul de Minas e ser hoje uma cidade referência em termos de comércio de turismo, de indústria e tudo mais, nós achamos importante assecibilizar a toda população, os livros de uma forma geral como produto, com preços competitivos e atrativos para que as pessoas pudessem adquirir e ter acesso. Por outro lado, o festival literário hoje, depois de passado todos esses anos, é o principal produto, na verdade ele é mais importante do que a feira, porque se a gente tem um festival de nome, um festival de peso com grandes autores e isso na minha concepção, fazendo com que as pessoas tenham acesso aos autores, isso vai estimular que as pessoas comprem o livro. Então o viés hoje é mais pelo contato direto com o autor, pela possibilidade, pela oportunidade que a gente dá a toda população, a todas as pessoas de estarem lado a lado, frente a frente, com o autor, pra que isso seja uma estimulação. Pra que ele vá à feira depois e adquira o livro. Esse é o grande diferencial. Eu acho que o Flipoços consegue trabalhar os dois lados de uma forma belíssima e super-harmônica.

5 - Muitos eventos no Brasil são financiados através de Leis de Incentivo, outros por sua vez, são financiados através de patrocínios particulares e até mesmo, com incentivo direto do organizador. Como é o Flipoços nesse caso? Como o evento é financiado atualmente e como ele foi financiado ao longo da história?

Inicialmente tivemos apoios diretos da prefeitura e a partir do terceiro ano do Flipoços, nós começamos a entrar nas leis de incentivo. Então, as leis de incentivo apesar de demonizadas hoje em dia por pessoas que não trabalharam legalmente, utilizando esse belíssimo recurso de forma honesta, deixado à lei com essa imagem negativa.

Mas ela continua sendo o principal instrumento de viabilização de projetos culturais como um todo no Brasil. Lamentavelmente nós não temos uma politica cultural do tipo que a própria empresa vê a importância de investir, independente de lei ou não, na cultura de uma modo

geral. E por outro lado os governos também mais roubam do que fazem e também não dão valor nenhum à cultura de modo geral. Então, o mecanismo da lei de incentivo é fundamental, das leis de incentivo como um todo, municipal, estadual e federal, mas no nosso caso especificamente, claro que as leis são superimportantes, mas hoje nos já conseguimos pela credibilidade do evento, pelo conceito positivo que o evento conquistou dentro da área editorial e nesse mundo, nesse universo geral do livro, leitura e todo mais, nos conseguimos viabilizar o evento, não só com participação de empresas através das leis, mas muito através de apoio de entidades que investem no nosso evento. Como é o caso do Sesc, que [é um grande parceiro. Ele faz a curadoria do espaço Sesc Flipoçinhos, ele investe em toda a estrutura física, decoração e todas as atrações que são disponibilizadas para as crianças, para os jovens dentro do espaço Sesc Flipoçinhos.

Isso é um investimento altíssimo, que nós organizadores não teríamos condições de fazer, se dependessem apenas dos recursos de captação pra gente viabilizar um espaço desse a gente não teria condições financeiras pra isso. Então isso é um fator que a gente tem que relevar muito e tem que agradecer muito. No caso da Leiturinha, por exemplo, este ano, a Leiturinha também vai investir em um espaço que ela está patrocinando, então ela vai cuidar da decoração, da iluminação, da sonorização, durante os nove dias, sem que a gente tenha que desembolsar o valor para fazer esse espaço. Então isso também agrega valor, elimina que a gente tenha que investir, porque se a gente dependesse dos recursos que nos captamos, sobre tudo este ano que a captação tá muito baixa, a gente não conseguiria viabilizar. O fato é que a gente trabalha muito dentro do que a gente tem. Talvez um diferencial que a gente tem, do Flipoços ser um evento ininterrupto e o temos realizado ao longo de todos esses anos, faça chuva ou faça sol, é exatamente este olhar que eu pessoalmente dou a ele, do seguinte sentido: faça, mesmo que menor, mesmo que não seja com aquela grandiosidade que sempre foi. Mas não deixa de fazer. Sempre com pé no chão. Fazendo aquilo que a gente tem condições de fazer, se dá pra trazer um mega escritor com cachê, ótimo, trazemos, se não der pra trazer a gente faz com outras coisas. Tem de usar a criatividade. Felizmente, a gente esta numa cidade que tem um grande volume de artistas naturalmente. Nós temos aqui grupos de teatro, músicos. O celeiro de escritores que temos aqui é gigantesco, então, independente da gente ter a necessidade de utilizar a mão-de-obra local, que é uma coisa que a gente sempre faz

questão, mas no momento que a gente não tem possibilidade de fazer grandes coisas, a gente acaba utilizando o recurso local que é fantástico.

6 - Sobre a curadoria do evento: é você mesma quem faz, ou usa uma equipe? Quais os critérios na escolha dos autores?

É uma característica também bastante particular, pessoal e que a gente faz muito através do sentimento. Eu, como sou muito ligada ao mundo da literatura, e estou sempre ouvindo, estou sempre acompanhando, e procuro ter essa abertura em relação a esse universo. Eu sempre procurei fazer aquilo que estou sentindo atingindo não só a minha expectativa, minha vontade, daquilo que eu gosto, mas no geral.

Essa questão de você contratar um curador, uma pessoa estrela, para fazer a curadoria, eu não curto isso, não gosto disso, não faço isso, não farei isso. Eu acho que é nosso evento, um evento muito personalizado com a cara do que nós somos, o evento tem a nossa cara. Então, se a gente faz uma curadoria, a gente faz aquilo usando nosso sentimento usando sugestões do público. A gente aceita muita sugestão de todo mundo que vem, lógico que vemos todas as viabilidades, até mesmo em termos de conteúdo editorial, literário mesmo pra gente também não fazer um evento, que não seja de um bom nível literário. É um evento feito por todos. O Flipoços é um evento de todos, feito por todos, para todos.

7 - Já que falando em equipe: quantas pessoas em média o Flipoços emprega por edição?

Toda a equipe interna da GSN é envolvida. Somos em sete aqui na empresa e todos são envolvidos. Contratamos também um pessoal de assessoria de imprensa, mas entre todo o pessoal que trabalha conosco, deve ter em torno de 80 pessoas de forma direta e indireta.

Pesquisador: Todos recebendo pagamentos ou tem algum trabalho voluntário?

Algumas vezes temos trabalho voluntário. Como estudantes, voluntários do curso de pedagogia ou mesmo do curso de turismo que tenham interesse até mesmo por uma questão de estágio.

8 - O Flipoços tem parcerias com entidades livreiras como a CBL e CML. Como se dá a influência das mesmas no evento? Apenas chancela?

Na verdade, a relação que nos temos com a CBL e com a CML, até há dois anos atrás foi de uma forma mais institucional. De lá pra cá nós temos uma participação mais efetiva deles, no sentido de sugestão de escritores, no sentido de apoios. Esse ano mesmo de 2017, a gente deve ter um apoio mais efetivo da CBL, até por essas questões todas que coloquei de dificuldades financeiras e tudo mais, a gente tá fazendo uma parceria para que eles efetivamente apoiem. Porque até então, nunca pedi apoio financeiro deles, nunca tinha chegado a esse ponto, pois eu acho só da entidade estar envolvida, a gente ter a chancela deles, ter o aval, acho que isso sempre considerei muito importante e sempre considerei muito. Mas eu acho que chegou num momento que a gente tá precisando é de mais. A gente já demonstrou que o evento é muito importante, que o evento agrega valor, a essas entidades, que o evento divulga essas entidades de uma forma muito positiva, então já é hora de nos darem uma contrapartida. E por conta desse momento de sentimento, eu fui diretamente pedir esse apoio. Mas a gentes sempre é muito bem recebido lá, tanto que faço parte também da comissão de organização da Bienal do Livro de São Paulo. Isso mostra também a credibilidade que a gente tem e a importância que eles dão ao nosso evento.

Então, em relação às entidades, temos um trânsito superlivre com qualquer entidade ligada ao mundo do livro, literatura e leitura do Brasil.

Segunda parte: Sobre o relacionamento do evento com o mercado editorial.

9 – Como é realizada a Feira do Livro? O espaço é cobrado das editoras e livrarias? Como é feito este processo?

A feira é comercializada os estantes, como qualquer outra feira. A nossa feira tem uma outra característica que eu faço questão de manter, é uma feira de estande básico. Não tem nenhuma editora, nem que sejam as maiores, elas não têm esse esquema de fazer estande produzido, estande projetado, estande mais bonito que o outro. Aqui todos são iguais. Pode ser a Companhia das Letras, como uma editora independente, pra gente são todos iguais, e a feira tem essa característica de ser uma montagem básica para todos. Isso propicia que façamos preços iguais. Outro motivo que mantenho a montagem básica, é aonde realizamos o evento é um prédio tombado pelo patrimônio, então até pra gente valorizar o espaço, que já é muito bonito, que é um espaço que tem uma história bonita de literatura, da época dos cassinos, da época que recebeu grandes literatos, pessoas muito importantes. Até pra gente valorizar esse apelo histórico de anos do próprio local a gente menos possível agride essa questão visual do espaço.

A feira então é comercializada e hoje a gente já tem a feira inteira já fechada A nossa feira, quando a gente encerra o ano, o ano seguinte está praticamente já todo fechado. Temos em torno de, mais ou menos, 80 expositores, e com gente esperando na fila para participar.

10 – As editoras apresentam os resultados de vendas ao final do evento? É possível hoje, contabilizar o que a Flipoços representa para as editoras participantes nesse sentido?

Infelizmente é um dado que ainda me falta. Gostaria muitíssimo de ter uma informação clara e bastante razoável pelo menos desses dados. Isso é uma coisa que me faz falta. Eu gostaria demais de ter. Eu não sei como eu teria esse feedback. Embora a gente sempre tenta saber nas editoras a quantidade de livros vendidos, mas é uma dificuldade pois eles negam a informação de uma forma digna, de uma forma fiel. Não sei ainda de que forma a gente está estudando. Essa sempre é uma pedra no meu sapato. Eu sempre falo aqui pra equipe que é importante a gente ter dados estatísticos, números das mãos não só nessa questão de faturamento, mas no geral. A gente tem uma ou outra informação, mas não podemos precisar 100%. E isso é uma coisa que eu gostaria de ter, uma deficiência nossa, a gente não ter conseguido ainda

informações estatísticas 100% de confiança de dados importantes.

11 – Vocês utilizam, em parceria com o Governo do Estado, o Vale-Livro. Qual o peso deste incentivo para o evento?

Isso a gente nem tem como passar uma avaliação, pois no ano passado foi o primeiro ano que utilizamos no evento. Em termos locais, a gente nunca teve vale-livro do município. Talvez tenhamos esse ano, mas é uma incerteza por conta das dificuldades financeiras que rondam as prefeituras. Mas conseguimos ano passado pela primeira vez, e foi muito bom, significou uma importância de 50% pelo menos de visitação e de vendas, porque os vale livros nós tivemos uma disponibilidade de 6000 mil crianças com vale-livros, então isso deu uma sustentabilidade importante pra feira, que é um outro caso também que faço muita questão e tenho muito cuidado. Que é o de dar sustentabilidade para a feira do livro. Enquanto a gente continuar dando a sustentabilidade pra feira, a gente consegue manter esse nível. É por isso que a gente deve tomar muito cuidado, na forma como gerir esse evento, voltando na questão anterior, de fazer o que a gente consegue fazer. Então as editoras e expositores que tiveram no ano passado que receberam vale-livro, foi sensacional e isso acho que fez com que a feira desse ano fechasse muito antes, muito embora a gente não saiba se vai conseguir o vale-livro do estado este ano, por todas as dificuldades que a gente sabe. Mas mesmo assim a feira é um sucesso. E outra coisa que é importante colocar, que independente de vale-livros, porque nunca tivemos nem vale-livro do município nem do estado, ou seja, não foi isso que fez diferença para o sucesso do evento.

12 – As editoras associadas das entidades que apoiam o evento tem algum tipo de desconto para participar do evento?

Não. Nossos preços são os normais e já é um preço bastante razoável.

Pesquisador: Em média, hoje, o estande custa quanto?

Em média de 270 reais o metro quadrado e o custo para o expositor ficar aqui em Poços de Caldas não é assim tão alto, como em outras cidades e bienais. Nós também temos um convênio com vários hotéis da cidade que também disponibilizam hotéis com preço bastante razoáveis. Acaba sendo o custo benefício bem interessante. É um valor fechado até mesmo porque dependemos do recurso para investir no próprio evento.

13 – Vamos falar sobre o relacionamento com os autores convidados. Como é feita a contratação? Todos recebem cachês, despesas pagas? Há algum caso específico que não?

Posso dizer que 90% dos casos é sem cachê. E pagamos todas as despesas de transporte e alimentação. Um ou outro caso é com cache. O pessoal faz questão de vir, as próprias editoras que oferece os autores. Hoje já tem um processo mais inverso, hoje eles pedem para participar. Hoje o Flipoços se tornou uma vitrine importante de lançamento para o mercado editorial e isso é importante também. Temos vários lançamentos oficiais aqui no Flipoços. Isso também impulsiona a vinda dos autores sem ter a contrapartida do cachê.

Terceira parte: Relacionamento do Flipoços com a comunidade de Poços de Caldas.

14 – Poços de Caldas, por duas pesquisas consecutivas, foi considerada a cidade com o maior índice de leitura do estado. Após 11 edições e se preparando para mais uma, sabe dizer qual a importância do evento para este resultado?

Eu acho que toda a importância. Faz toda a diferença. Muito embora Poços de Caldas é uma cidade literária desde sempre, desde 1872, ano de sua fundação, temos desde então uma história muito bonita da cidade com a literatura. Vários escritores importantes nasceram aqui, viveram aqui, morreram aqui, temos grandes escritores vivos que são daqui que não moram aqui, outros que ainda moram aqui. Então nós temos uma atmosfera muito apropriada. Talvez

de todos os eventos literários que a gente conheça no Brasil, modéstia à parte, acho que é o que tem mais atmosfera literária no local, eu digo em termos de cidade, seja Poços de Caldas em função disso. Poços é uma cidade muito literária. Tanto é que quando lançamos o evento em 2016, a cidade, já estava isso latente ou no inconsciente coletivo da população, a população inteira abraçou de uma forma muito especial e com isso acabou que impulsionou ainda mais o festival. Então hoje a população de Poços, posso dizer que é uma antes do Flipoços e outra depois do Flipoços, isso acabou estimulando ainda mais esses índices de leitura, estimulou o aumento de novos escritores em Poços de Caldas. Nós temos visto que muitos outros escritores surgiram com o advento do nosso festival. Crianças que são hoje geração Flipoços, que tinham cinco anos e que hoje têm doze anos, têm quinze anos, dezesseis. Então o que acontece. Isso tudo foi dando essa efervescência, então a cada ano que a gente faz o festival, a gente sente que expectativa na população é muito grande. Todo mundo já fica aguardando o evento.

Como nosso evento é aberto ao público, é gratuito não tem cobrança de ingresso, o que a gente faz em algumas palestras, quando são palestras com um volume de pessoas muito grandes, a gente solicita a doação de livros, então a gente tem uma campanha social bem bonita que depois a gente faz essa doação de livros que a gente recolhe no festival, para entidades necessitadas, bibliotecas públicas, presídios, uma série de entidades que necessitam.

15 – Qual o número de visitantes a cidade de Poços de Caldas recebe durante o Flipoços?

Esse é um dado que entra naquele esquema de estatísticas que te falei, mas esse a gente consegue apurar um pouco melhor. A gente tem recebido ao longo dos anos, a gente tem tido uma crescente da visitação de público ao longo dos últimos anos. Este ano de 2017 a expectativa em torno de 50 a 60 mil pessoas em nove dias. Isso já contando toda a região que frequenta, porque Poços hoje é o Flipoços hoje é um evento regional. Então toda a região do interior de São Paulo, do interior de Minas as cidadezinhas menores que vêm ao Flipoços, são em torno mais ou menos de 80 a 100 cidades. Isso é o levantamento mais correto que a gente tem. A gente chegou a fazer um levantamento das cidades que vêm aqui. Então até um raio de

150 km ao redor de Poços frequentam o Flipoços e Campinas também, que está fora desse raio, mas muita gente de campinas vem.

16 – Você tem dados que mensurem o impacto do evento no comércio local?

É aquilo que entra na questão estatística que eu acho que é muito importante. Eu gostaria de ter um instrumento que me desse esse background. Mas eu tenho certeza que faz a diferença, mas por feeling. Mas tenho certeza que faz muita diferença para os hotéis, pros bares, as escolas todas se mobilizam muito. As escolas de cidades ao lado vêm com ônibus e mais ônibus de crianças, de jovens, de adultos que vêm pra passar o dia inteiro aqui. Obviamente que este contingente esta todo consumindo dentro da cidade. Então eu acho que toda a cadeia produtiva do turismo é muito beneficiada, com certeza. Mas eu ainda preciso ter mais dados também.

17 – O Flipoços tem algum projeto social de incentivo à leitura? Se sim, qual, ou quais os projetos?

A gente tem um projeto anual que é esse do presídio, que tem dois anos que a gente tem feito e que tem dado muito resultado. Nós começamos no presídio de Poços e hoje nos já estamos atendendo o presídio de Andradas e o presídio de Botelhos, que é um projeto de remissão de pena através da literatura, do livro. A gente faz um trabalho ao longo do ano, com os presidiários, com os reeducandos, e durante o festival literário nos levamos atividades dentro do pátio, contação de histórias, leituras coletivas, esse ano a gente deve levar um bate-papo com escritores vinculados ao hip hop. Além disso, a gente tem um concurso cultural que a gente desenvolve nas escolas, que ele começa em novembro, e vai até o período do festival, no festival a gente divulga o nome dos vencedores. Toda a rede pública e particular de ensino da cidade se envolve com esse concurso cultural, que é sempre baseado na temática do festival. Então trabalha obras e trabalha o literário artístico, desenho e arte, desenho e literatura, nesse concurso cultural.

Fora isso a gente tem também ao longo do ano nas escolas também trabalham os autores que vieram, ou que vão vir, fazem um trabalho de leitura com os autores que passaram e que vai vir para o festival, pegando o ano anterior e o ano posterior, e isso tem sido uma constante desde o lançamento do Flipoços. Tem dado um resultado muitíssimo bom.

Pesquisador – Como vocês mensuram esses resultados?

Estatisticamente, infelizmente não. Temos apenas depoimentos das pessoas, dos que trabalham em presídios da diferença que isso tem feito lá, das mulheres presidiárias que hoje conseguem ter um relacionamento melhor com a família porque começou a ler determinado livro. Então, são empíricos, mas a gente tem um sentimento que tem feito uma grande diferença .

O concurso cultural também tem mobilizado escolas, porque a cada ano a gente tem recebido cada vez mais trabalhos. Então isso também é reflexo do potencial e do poder desse trabalho que a gente tem desenvolvido.

18 – Vocês oferecem espaço para os autores e artistas locais? Como é feita a escolha desses autores e artistas? Há algum edital?

Sim. Nós deixamos em aberto e damos a oportunidade para todos, indistintamente. No caso dos autores poços-caldenses, por exemplo, outra coisa também que eu particularmente faço questão é que a primeira atividade literária do festival é um encontro com todos os escritores poços-caldenses.

Eles pra mim é que simbolizam realmente a literatura da cidade, até por uma questão de merecimento, de reconhecimento, de valorização dos nossos escritores, a primeira atividade do festival é feita com eles. Eles é que abrem todos os anos o festival literário, no sábado de manhã, o encontrão, a gente chama de encontrão. A gente elenca apenas uma pessoa para mediar o grupo e todos eles participam, apresentam suas obras, conversam entre si, com o público. Há também a homenagem ao escritor sulfuroso. Poços, por ser uma cidade de águas

termais, águas sulfurosas. Que é o escritor homenageado do ano, ele tem uma pessoa que trabalha comigo. Ele é médico e trabalha comigo na curadoria do festival. Ele adora Poços. Gosta muito do festival. Ele tem dado grandes contribuições. Ele que me ajuda a escolher. Quem mais faz essa escolha é ele.

19 - Desde a primeira edição, o Flipoços homenageia um personagem do mundo editorial com o título de Patrono. Como é feita a eleição deste patrono?

O patrono é sempre uma referência nacional. É baseado na temática do festival. Esse ano, por exemplo, a temática é o romance. Os vários estilos românticos, e daí veio o Milton Hatoum, um romancista premiado, amigo do Flipoços, já esteve aqui em 2010, lançou agora a minissérie dele, baseada na obra Dois Irmãos, que foi uma coincidência, pois nós o convidamos ano passado, o que acabou potencializando ainda mais o trabalho dele,

20 - Qual a importância de inserir outras questões artísticas em um festival literário?

Pra mim todo tipo de arte converge na literatura ou diverge dela. Pois nenhuma outra arte não acontece se você não lê, se você não enxergar, se você não discutir, se você não tiver uma referência. Pra mim a literatura é a arte número 1 para qualquer outro tipo de expressão artística, então, partindo desse princípio, inserir outras artes neste contexto é sempre muito importante. Tem algumas características do Flipoços, que a gente faz questão de manter, até mesmo para valorizar as outras artes, é a mostra de cinema, que é uma linguagem visual, mas ela é sempre advinda da literatura, o encontro de escritores lusófonos de literatura portuguesa, pois a valorização de nosso idioma também é muito importante. A educação também é lembrada, pois sempre acontece um minicongresso de educação dentro do festival. É uma atividade permanente do festival, já que não existe literatura sem educação, como não existe educação sem literatura.

ANEXOS